

Jornal UFG

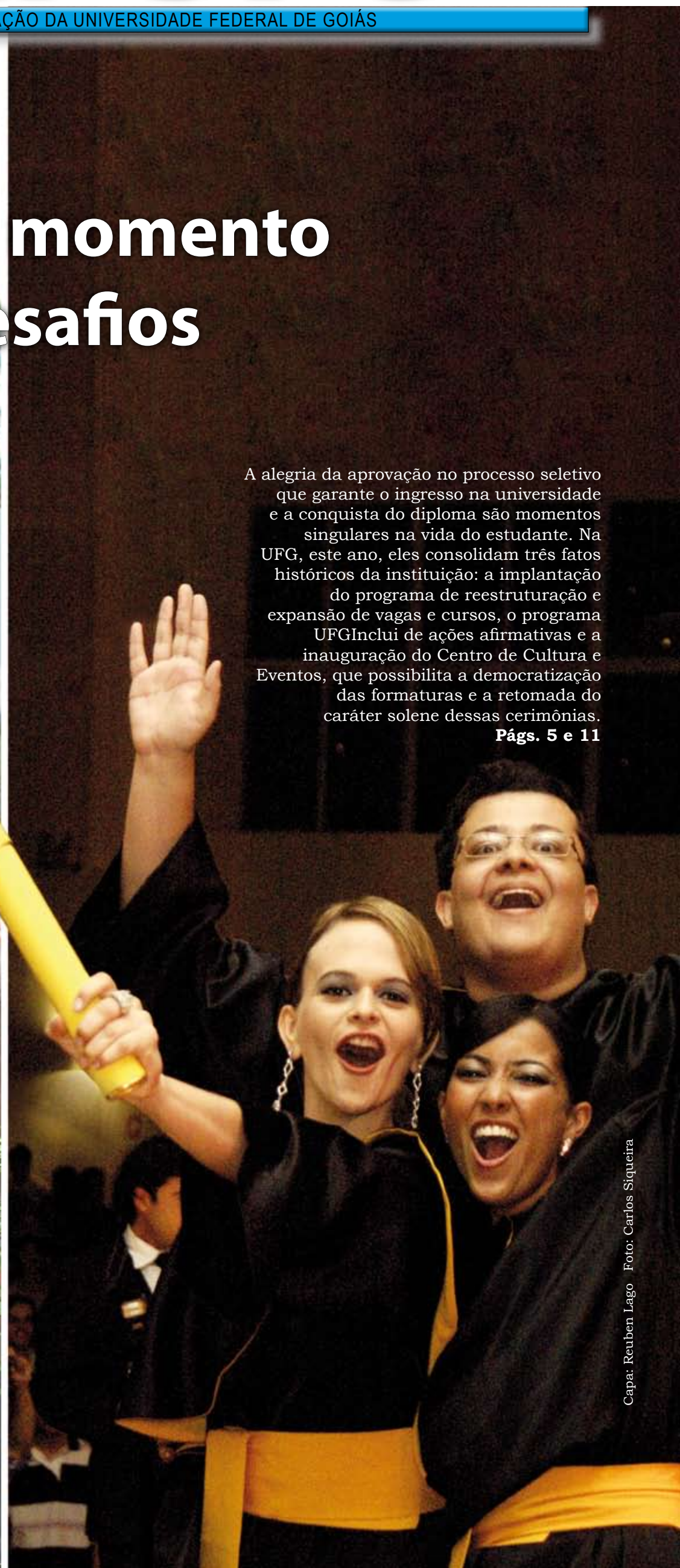
PUBLICAÇÃO DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Universidade vive momento de conquistas e desafios



A alegria da aprovação no processo seletivo que garante o ingresso na universidade e a conquista do diploma são momentos singulares na vida do estudante. Na UFG, este ano, eles consolidam três fatos históricos da instituição: a implantação do programa de reestruturação e expansão de vagas e cursos, o programa UFGInclui de ações afirmativas e a inauguração do Centro de Cultura e Eventos, que possibilita a democratização das formaturas e a retomada do caráter solene dessas cerimônias.

Págs. 5 e 11





EDWARD
MADUREIRA BRASIL*

EDITORIAL

Desafios estimulam ritmo de trabalho na UFG

Ao iniciarmos mais um ano letivo, aproveito a oportunidade para agradecer a toda a comunidade universitária, servidores docentes e técnico-administrativos, estudantes e colaboradores, o empenho e a responsabilidade na realização de suas atividades durante o último ano. Reconhecemos que, diante dos desafios enfrentados, todos se dedicaram muito mais do que exigiria a rotina de trabalho de cada um. Os resultados alcançados pela universidade em 2008 demonstram, sobretudo, que a instituição amadureceu em todas as áreas. Ser referência na região Centro-Oeste não é fruto do acaso. Temos ampliado nosso espaço no cenário nacional graças à qualidade de nossa atuação no ensino, na pesquisa, na extensão e na cultura.

Neste momento de recomeço, saúdo, com especial atenção, os 4.694 estudantes aprovados no último processo seletivo e os novos servidores docentes e técnico-administrativos que foram integrados à UFG. O ano de 2009 apresenta-se com grandes desafios e também com muitas oportunidades. A implantação do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) viabilizou novos cursos e a ampliação do número de vagas nos cursos existentes, o que exigiu e continuará exigindo investimentos na infra-estrutura da UFG. Para suprir a demanda provocada pelo aumento do número de estudantes, 154 professores serão contratados em 2009. Até 2012 serão 484. Também está prevista para este ano a contratação de 56 servidores técnico-administrativos que foram aprovados no concurso realizado em maio de 2008, embora o desafio de recompor o quadro dessa categoria de servidores ainda persista. Trata-se de uma expansão que vem sendo posta em prática com muita responsabilidade, mas que exigirá um período de adaptação de toda a comunidade acadêmica.

Também este ano vivenciamos a aplicação do Programa UFGInclui, que proporcionou a convocação pelo processo seletivo 2009-1 de 299 estudantes por cotas, sendo 75 egressos de escolas públicas e 224 negros também egressos de escolas públicas. A iniciativa permitiu a inclusão, em todos os cursos, de segmentos sociais até então impossibilitados de ter acesso à universidade pública. Resultado de intensos debates, o programa de ações afirmativas expressa o amadurecimento e o arrojo da universidade no cumprimento do seu papel social.

O início do ano também marcou a abertura da primeira temporada de formaturas no Centro de Cultura e Eventos Professor Ricardo Freua Bufaiçal, inaugurado em dezembro de 2008. A universidade necessitava desse espaço, em vista do crescimento que tem experimentado. Até o próximo mês de maio, serão 30 colações de grau a resgatar definitivamente o aspecto solene das cerimônias e garantir, democraticamente, a participação de todos os estudantes que concluíram os seus cursos.

Todo início de ano enseja a ideia de recomeço, ou seja, de que há tempo para novas conquistas. Recomeçar significa acreditar, planejar, trabalhar, viver e vencer. Que 2009 seja um ano de muito trabalho e muitas conquistas para todos.

*Edward Madureira Brasil
Reitor da UFG



CÂMPUS EM FOCO

Docente preside Comissão de Estudos Jurídicos Desportivos

O professor da UFG e consultor jurídico do Ministério do Esporte, Wladimir Camargos (esquerda), foi empossado, em 28 de janeiro, presidente da Comissão de Estudos Jurídicos Desportivos, do Conselho Nacional do Esporte (CNE). O grupo de especialistas em Direito Desportivo promoverá mudanças no Código Brasileiro de Justiça Desportiva (CBJD) para que a legislação brasileira esteja de acordo com o Código Disciplinar da Federação Internacional de Futebol Associação (Fifa) e com a nova Normatização Internacional Antidopping da Unesco. O Brasil é signatário do Código Mundial Antidopping e segue todas as orientações da Agência Mundial Antidopping. Caberá à Comissão de Estudos Jurídicos fazer a revisão do código brasileiro de modo que as orientações internacionais de combate ao *dopping*, já previstas em resolução do CNE, sejam incorporadas às normas nacionais.



Fundação tem membro de conselho aprovado pela UFG



Pela primeira vez o nome de um conselheiro da Fundação de Apoio à Pesquisa (Funape), eleito por seus pares, foi submetido à aprovação do Conselho Universitário da UFG. O primeiro nome homologado foi o da professora Magda Miranda Plénio. A determinação passou a vigorar depois da adequação do estatuto da fundação à Portaria Interministerial nº 475, de abril de 2008 (Ministério da Educação e Ministério da Ciência e Tecnologia), que normatizou o registro e o credenciamento das fundações de apoio. Outra alteração foi a mudança do nome do Conselho Curador, que passa a se chamar Conselho Fiscal.

Encontro debate alimentação e nutrição escolar

O Centro Colaborador em Alimentação e Nutrição do Escolar do Estado de Goiás (Cecane-Go) realizou, em fevereiro, na Faculdade de Nutrição (Fanut) da UFG, o primeiro encontro de 2009. Participaram 38 representantes de diferentes instituições estaduais e municipais, que atuam nas áreas de alimentação escolar, agricultura e segurança alimentar e nutricional.



Além das oficinas, houve exposições orais e momentos de debate em grupo, buscando a construção coletiva e pactuada de indicadores de processo e resultados para avaliação da atuação do Cecane-GO. O evento foi coordenado pelas professoras da Fanut Veruska Prado Alexandre e Estelamaris Tronco Mônego.

CARO LEITOR, em maio, o *Jornal UFG* chegará ao quarto ano de circulação. Sua opinião é importante para a avaliação da eficácia da publicação. Você pode fazer seus comentários, críticas e sugestões pelo e-mail imprensa@reitoria.ufg.br ou pelos telefones (62)3521-1310 / 1311. Estamos adotando, a partir desta edição, a nova ortografia da língua portuguesa.

ERRATA – Na edição nº 24 (novembro/dezembro 2008) na página 11, segunda coluna, onde se lê “Enaltecemos que não há o ônus financeiro”, leia-se “Enaltecemos que há o ônus financeiro”. Na quarta coluna, onde se lê “sujeita à orientação normativa 2007/2008”, leia-se “sujeita à Orientação Normativa nº 7/2008”.



Jornal UFG

Publicação da Assessoria de
Comunicação da Universidade
Federal de Goiás
ANO III – Nº 25 – MARÇO 2009

ASCOM – Reitoria da UFG – Câmpus Samambaia
Caixa Postal: 131 – CEP 74001-970 – Goiânia – GO
Tel.: (62) 3521-1310 / 3521-1311 – Fax: (62) 3521-1010
www.ufg.br – imprensa@reitoria.ufg.br – www.ascom.ufg.br

Universidade – **Reitor**: Edward Madureira Brasil; **Vice-reitor**: Benedito Ferreira Marques; **Pró-reitora de Graduação**: Sandramara Matias Chaves; **Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação**: Divina das Dores de Paula Cardoso; **Pró-reitor de Extensão e Cultura**: Anselmo Pessoa Neto; **Pró-reitor de Administração e Finanças**: Orlando Afonso Valle do Amaral; **Pró-reitor de Desenvolvimento Institucional e Recursos Humanos**: Jebllin Antônio Abraão; **Pró-reitor de Assuntos da Comunidade Universitária**: Ernando Melo Filizzola.

Jornal UFG – **Coordenadora de imprensa e editora-geral**: Silvana Coleta Santos Pereira; **Editora-executiva**: Silvânia de Cássia Lima; **Editora-assistente**: Michele Ferreira Martins; **Conselho Editorial**: Angelita Pereira, Goiâmerico Felício Santos, Ivan Torres Nicolau de Campos, Maria das Graças Castro, Silvana Coleta, Venerando Ribeiro de Campos, Mercês Pietsch Cunha Mendonça; **Suplentes**: Valéria Maria Soledade de Almeida e Suely Henrique de Aquino Gomes; **Revisão**: Maria José Soares e Ana Paula Ribeiro Lopes; **Projeto gráfico e editoração**: Cleomar Gomes Nogueira e Reuben Lago; **Fotografia**: Carlos Siqueira; **Equipe administrativa**: Amália Magalhães e Leny Borges; **Colaboradores**: Adriana Rodrigues, Agnes Arato, Ana Paula Vieira, Lillian Fernandes; **Bolsistas**: Vinicius Batista (fotografia), Caroline Pires, Túlio Moreira, Lutiane Portilho, Marcela Guimarães e Rodrigo Vilela (jornalismo).

Impressão: Centro Editorial e Gráfico da UFG (Cegraf)

Licenciatura indígena fortalece intercâmbio cultural na UFG

Programa já atende a mais de cem estudantes de quatro estados

Túlio Moreira

O jornal-mural da Faculdade de Letras da UFG estava diferente nos dois primeiros meses de 2009. Uma das paredes da faculdade exibia vários artigos e desenhos sobre a cultura dos Tapirapé, povo tupi-guarani que habita a região da Serra do Urubu Branco, no Mato Grosso. Os textos abordavam diversos assuntos, como a estrutura linguística, a cultura, o comércio e o ciclo ritual dos Tapirapé.

Os artigos e gravuras foram elaborados por alunos da turma especial de Licenciatura Intercultural Indígena, do Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena. O projeto faz parte do programa de educação superior indígena da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd/UFG). A iniciativa é coordenada pela Faculdade de Letras, com o apoio das faculdades de Ciências Sociais, de História e do Instituto de Matemática e Estatística, além da participação de professores de diversas unidades acadêmicas. Atualmente,

cerca de 30 professores da universidade estão envolvidos com o curso. O projeto é apoiado também pela Fundação Nacional do Índio (Funai) e pelas secretarias de Educação dos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Os estudantes indígenas estiveram reunidos na UFG de 13 de janeiro a 18 de fevereiro.

A Licenciatura Intercultural Indígena da UFG teve início em 2007, com 59 alunos. A duração da graduação é de cinco anos, divididos em dois períodos distintos: a formação básica, nos dois primeiros anos, e as matrizes específicas,

momento em que os estudantes optam por uma das áreas do conhecimento oferecidas: Ciências da Cultura, da Natureza ou da Linguagem. Em 2008 e 2009, foram formadas duas novas turmas especiais, com 35 alunos cada. Com isso, já somam 129 integrantes das turmas especiais para a formação dos indígenas.

A coordenadora das turmas especiais, professora Maria do Socorro Pimentel da Silva, da Faculdade de Letras, expli-

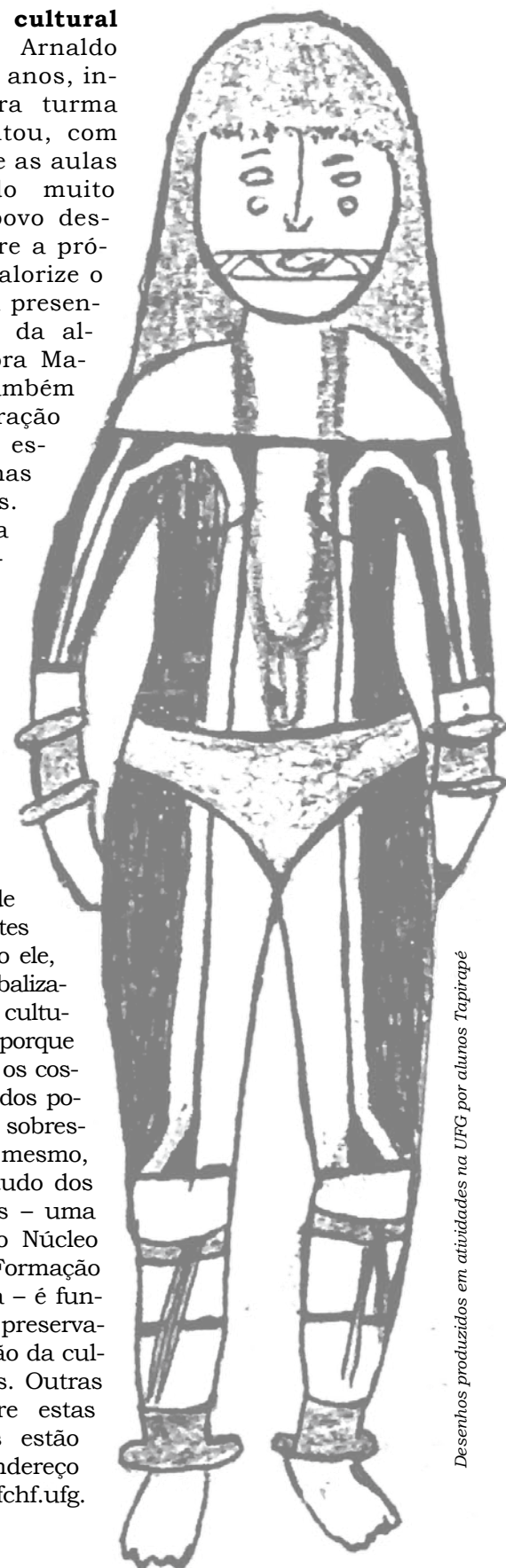
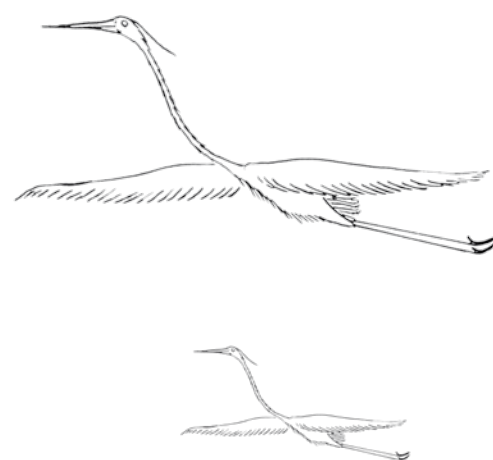
cou que, duas vezes por ano, a Licenciatura Intercultural Indígena tem um período de aulas nos campi da UFG em Goiânia. Os alunos também recebem aulas em suas respectivas terras e em regiões denominadas pólos, que ficam próximas a suas aldeias. Em abril, os professores iniciarão as visitas deste ano às terras indígenas, em encontros com alunos Xerente, Javaé, Karajá, Xambioá, Krahô, Apinajé, Tapirapé, Gavião, Karajá de Buridina e Tapuio.

Conforme esclareceu a professora Maria do Socorro, o projeto abrange povos indígenas de uma região batizada "Araguaia-Tocantins", que compreende os estados de Goiás, Mato Grosso, Tocantins e Maranhão. Em julho, haverá um novo período de estudos na UFG, com duração até o dia 15 de agosto. Para ingressar na Licenciatura, os indígenas devem exercer a função de professor nas escolas instaladas nas aldeias, ter o ensino médio completo e fazer um vestibular específico. A seleção para a próxima turma está

prevista para o final do ano de 2009.

Intercâmbio cultural – O tapirapé Arnaldo Axawaj'i, de 32 anos, integra a primeira turma do curso e contou, com entusiasmo, que as aulas têm contribuído muito para que seu povo descubra mais sobre a própria cultura e valorize o idioma que está presente no cotidiano da aldeia. A professora Maria do Socorro também elogiou a interação que existe entre estudantes indígenas e não-indígenas. Os estudantes da UFG podem atuar como monitores interculturais e participar ativamente do programa.

Arnaldo Axawaj'i destacou a oportunidade de conhecer outras culturas e trocar idéias com pessoas de costumes diferentes dos seus. Segundo ele, o processo de globalização pode afetar as culturas mais frágeis, porque a tendência é que os costumes e a língua dos povos mais fortes se sobressaíam. Por isso mesmo, o registro e o estudo dos idiomas indígenas – uma das atividades do Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena – é fundamental para a preservação e disseminação da cultura desses povos. Outras informações sobre estas turmas especiais estão disponíveis no endereço eletrônico www.fchf.ufg.br/intercultural.



Desenhos produzidos em atividades na UFG por alunos Tapirapé



autor: Arkmy Tapirapé

UFG participa do Fórum Social Mundial

Professores e alunos da universidade estiveram no Fórum Social Mundial, realizado de 27 de janeiro a 1º de fevereiro em Belém, no Pará

Lutiane Portilho

Em sua nona edição, o Fórum Social Mundial (FSM), mais uma vez, propôs aprofundar reflexões, formular propostas e promover a articulação de movimentos sociais e ONGs que se opõem ao modelo neoliberal. Depois da decisão de organizar o evento em Belém, no Pará, foi criado o grupo de facilitação, formado por 13 entidades que atuaram como comitê organizador. O fórum promoveu mais de 2.600 atividades e teve participação de mais de 100 mil pessoas de 150 países.



A professora da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Facomb) da Universidade Federal de Goiás (UFG), Lisbeth Oliveira, acompanhou todas as edições realizadas no Brasil. De acordo com ela, a escolha de Belém, uma cidade da região amazônica, como sede do evento, contribuiu para acentuar a discussão de problemas ambientais e climáticos. “O primeiro dia do fórum centrou-se nessas questões com muita propriedade e reafirmou que tudo isso está ligado à crise de um modelo nefasto de desenvolvimento”, afirma Lisbeth.

Segundo Lisbeth, além de reunir cinco presidentes da América Latina (Brasil, Bolívia, Venezuela, Equador e Paraguai), outro destaque do evento foi o Fórum de Mídia Livre. “Foi mostrado não só que os grandes meios de comunicação são cúmplices do modelo que levou à atual crise econômica, ambiental, social, mas que é necessário defender a liberdade de produção e difusão de infor-

mações, com a participação da sociedade civil e de movimentos populares”, explica. A professora afirma que esse tipo de evento é muito importante, pois é um espaço de consolidação do ideal de que um outro mundo é possível e extremamente necessário.

Laíssa Pollyana do Carmo é aluna do quarto período da turma especial de Direito para beneficiários da reforma agrária e agricultores familiares tradicionais da UFG, realizada na cidade de Goiás. Ela é do assentamento São Sebastião, localizado no município de Silvânia, e faz parte da turma que foi ao FSM apresentar o seminário “Políticas públicas, ações afirmativas, a experiência em Direito aos povos da terra”, que foi preparado e apresentado pelos próprios alunos, com orientação dos professores Cleuton Ripol e Erika Macedo, da Faculdade de Direito da UFG. Além de tratar das ações afirmativas como políticas públicas, o seminário relata toda a história de criação

e de aprovação do projeto e o período já vivenciado pelos alunos. “O importante para mim é que, com esta turma, os trabalhadores rurais quebraram não só as barreiras da educação a eles historicamente negada, como também a do judiciário. Isso é emocionante, resultado de lutas e significa igualdade social”, comemora a estudante.

De acordo com Laíssa, a apresentação do seminário foi um sucesso e o público, de mais de 200 pessoas, foi bem receptivo, elogiando a iniciativa. Ela conta que os alunos foram destaque, tanto no fórum, quanto na mídia local, já que foi veiculada uma matéria sobre a turma especial da UFG no jornal *O Liberal*, de Belém. “Além da apresentação, pudemos participar de outros eventos do fórum. Isso é importante para o acadêmico, sair da sala de aula e ir para a prática, para a realidade, participar das questões que acontecem no mundo como protagonista”, afirma.

Unidades oferecem cursos para a comunidade

Túlio Moreira

Diversas unidades acadêmicas oferecem cursos direcionados à comunidade a um custo acessível. Entre as opções para aprender um novo idioma, são os cursos de inglês, espanhol, francês e italiano do Centro de Línguas da Faculdade de Letras, no Câmpus Samambaia da UFG. O período de matrículas será de 11 a 31 de março. Os horários oferecidos e os valores dos cursos estão disponíveis no site www.letras.ufg.br/cl.

A Escola de Música e Artes Cênicas (Emac) oferece, na Praça Universitária, oficinas de Instrumento e Canto, Percepção Musical, Apreciação Musical, Coral, Música de Câmara, Introdução à Harmonia, Prática de Recitais e Teclado em Conjunto, além de seminários sobre música contemporânea, análise de repertório violonístico e metodologia de ensino de instrumento direcionado ao palco. As atividades são indicadas a partir de oito anos de idade. Os cursos também são voltados para os estudantes do ensino médio



interessados em se preparar para a prova específica do vestibular da UFG nessa área. As matrículas estarão abertas até o dia 16 de março. Outras informações podem ser obtidas pelo telefone 3521-1818 e pela internet (www.musica.ufg.br).

Outra opção são os cursos livres oferecidos pela Faculdade de Educação Física (FEF), no Câmpus Samambaia. Ao todo, são dez modalidades de atividades físicas: dança de salão, dança do ventre, *street dance*, ginástica localizada, ginástica geral, hidroginástica, natação infantil, natação para adultos, musculação e capoeira. O período de matrícula para os novos alunos começou no dia 9 de março e se estenderá até que as turmas estejam completas. Mais informações pelo telefone 3521-1085.

Calouros têm programação especial

Túlio Moreira

Os novos estudantes da Universidade Federal de Goiás não precisam se assustar com a quantidade de nomes, siglas, endereços, resoluções e programas da instituição. A Pró-reitoria de Graduação (Prograd) elaborou o *Guia do Estudante 2009*, que inclui o Calendário Acadêmico, e reúne as informações necessárias para que os calouros se sintam em casa no primeiro ano do curso.

O guia é um roteiro para conhecer a UFG, com informações sobre a localização das unidades acadêmicas, os programas de assistência estudantil e o funcionamento geral da universidade. Em sua quarta edição, o documento é destinado aos calouros de todas as unidades acadêmicas da UFG.

A Prograd também orientou as unidades acadêmicas sobre os perigos do trote. Ato violentos na recepção dos novos estudantes são proibidos na UFG. Os estudantes têm sido alertados sobre as penalidades cabíveis no caso da prática do trote e incentivados a promover uma recepção solidária aos calouros.

Em 2009, a UFG recebe 1.163 estudantes a mais do que no ano passado, em razão do aumento do número de vagas, de turmas e de cursos.



Divulgação

O Diretório Central dos Estudantes (DCE) e os centros acadêmicos, com o apoio da Reitoria da UFG, prepararam uma programação especial para os novos estudantes. Durante a primeira semana de aula, os calouros de Goiânia terão acesso a debates, oficinas e atrações musicais, como a banda pernambucana Nação Zumbi.

No dia 10 de março, às 9h, no Centro de Cultura e Eventos, o reitor da Universidade de Brasília (UnB), José Geraldo de Sousa, ministrará a Aula Magna intitulada “O papel social da universidade”.

Os debates previstos contemplarão temas atuais, como a crise econômica, o aborto e a preservação do cerrado. A maioria dos debates receberá convidados de outros estados, trazidos com o apoio da Reitoria. Os calouros também poderão fazer a carteirinha de estudante, que dá direito à meia-entrada em cinemas, teatros e *shows*.

O DCE planeja ainda levar a Calourada para os câmpus do interior do estado. A programação completa está disponível no site do DCE (www.mobilizaufg.blogspot.com).

Primeiro vestibular com o programa de inclusão

A universidade conclui com sucesso o processo de seleção que garante por meio de cotas o ingresso de estudantes de escola pública e negros, também oriundos de escola pública, além de indígenas e quilombolas

Silvânia Lima

Com 25 cursos novos e mais de mil novos alunos ingressantes em relação ao ano passado, o vestibular 2009-1 da Universidade Federal de Goiás (UFG) foi um dos mais concorridos da história da instituição, com 31,5

outros 10% para estudantes negros também de escola pública. Além disso, o programa prevê ainda a criação de uma vaga adicional em cada curso, mediante demanda, para indígenas e negros quilombolas.

Publicado pelo Centro de Seleção no dia 10 de fevereiro, conforme previsto no edital, o resultado do Processo Seletivo 2009-1 da UFG classificou 4.694 aprovados na primeira chamada. Destes 837 foram aprovados pelo programa UFGInclui, com 299 convocados por cotas – 75 pertencentes à categoria escola pública e 224 à categoria negro de escola pública. Em 93 dos 118 cursos não houve necessidade de utilização de reserva de vagas para estudantes oriundos de escolas públicas. Isso significa que a maioria dos candidatos classificados pelo UFGInclui obteve pontuação suficiente para a aprovação, não havendo necessidade de usar o critério de cotas. O boletim de desempenho de todos os candidatos também pôde ser acessado pela internet (www.vestibular.ufg.br) no mesmo dia.

Presente no Centro de Seleção no momento em que a lista dos classificados foi divulgada, a pró-reitora de Graduação da UFG, Sandramara Matias Chaves, disse que tudo transcorreu em clima de tranquilidade e dentro do que estava previsto no edital do concurso. Ela informou que o mecanismo de inclusão atuou exatamente nos cursos de maior demanda e falou sobre a importância do UFGInclui. “O programa de ações afirmativas é fruto de intensos debates sobre inclusão social e étnico-racial com a comunidade universitária e especialistas da área, expressando o amadurecimento e uma decisão arrojada da UFG, que ao implantá-lo cumpre seu papel social, promovendo a inclusão de minorias que historicamente se vêem impossibilitadas de ter acesso a uma universidade pública.”

Crêterios – Quem optou pelo UFGInclui teve de comprovar o mínimo de cinco anos de escolaridade em escola pública. No caso dos indígenas e quilombolas, foi exigida a apresentação de documentos comprobatórios de sua origem expedidos pela Fundação Nacional do Índio (Funai) e pela Fundação Zumbi dos Palmares, respectivamente. Os demais concorrentes compunham o chamado sistema universal. Para a aprovação, todos os candidatos precisavam alcançar os critérios mínimos estabelecidos em edital.

O sistema de apuração dos resultados do processo seletivo tem início pela verificação da pontuação geral dos candidatos. A lista é composta de forma decrescente até o limite do número de vagas oferecidas em cada curso. Daí é feita a verificação do critério de no mínimo 10% dos classificados em cada curso procederem de escola pública e de 10% serem negros oriundos de escola pública, optantes pelo UFGInclui. Caso seja necessário para atender a esse critério, são convocados por cotas candidatos inscritos pelo programa de inclusão. No caso dos cursos em que não haja mais candidatos inscritos no programa para convocação em qualquer das categorias, as vagas retornam para o sistema universal, conforme estabelecido no edital.

Processo estendido e matrícula – Os aprovados efetuaram cadastramento e matrícula de 18 a 20 de fevereiro, no Centro de Cultura e Eventos Professor Ricardo Bufaiçal, no Câmpus Samambaia, e nas secretarias dos câmpus de Catalão, Jataí e Goiás.

Já os candidatos classificados para o curso de Matemática, em Goiânia, cujo processo seletivo é diferenciado e inclui uma terceira etapa, tiveram de se apresentar no Centro de Seleção da UFG, munidos da documentação solicitada, para confirmar a participação na próxima fase. Os 201 candidatos que continuam concorrendo vão cursar as disciplinas de Introdução ao Cálculo e Geometria Analítica, ambas com carga de 96 horas, e cujas notas obtidas ao final do semestre definirão os classificados para o curso no ano de 2009.

Todos os resultados e comunicados referentes ao Processo Seletivo 2009-1 estão publicados no site do Centro de Seleção da UFG (www.vestibular.ufg.br).



Fotos: Carlos Siqueira

Os primeiros candidatos a conferir a lista dos classificados do concurso afixada na entrada do Centro de Seleção



Cerca de 100 servidores e bolsistas foram mobilizados pela Pró-reitoria de Graduação para auxiliar a matrícula dos novos alunos de 2009/1, no Centro de Cultura e Eventos



Ao som da batucada das engenharias, veteranos de diversos cursos se organizaram para receber os calouros. Uma recepção criativa e solidária que cumpre a função de festejar a alegria da chegada dos novos colegas



Carlos Siqueira

Professora Sandramara Chaves

mil candidatos. O concurso marcou o início do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e de Expansão das Universidades Federais (Reuni), com a criação de novos cursos, a ampliação de vagas em cursos já existentes e a criação de novas turmas.

Mas outra novidade também aumentou a expectativa de muitos, a implantação do programa de ações afirmativas, o UFGInclui, com quase oito mil inscritos. O programa prevê a reserva de 10% das vagas de cada curso para estudantes de escola pública e

Vinicius Batista



Grupo de servidores e bolsistas que auxiliaram os novos alunos no cadastramento e matrícula

Demanda crescente para as engenharias

UNIVERSIDADE E ENTIDADES DISCUTEM DESAFIOS DOS PROFISSIONAIS DA ÁREA

Agnes Arato e Michele Martins

Em 2009, a Universidade Federal de Goiás (UFG), com recursos do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, o Reuni, ampliou a oferta de ensino na graduação. Dos novos cursos implantados, oito formarão profissionais em Engenharia Ambiental, Engenharia de Software, Engenharia Mecânica e Engenharia Química, na cidade de Goiânia, Engenharia Florestal em Goiânia e Jataí, e em Engenharia de Minas, Engenharia Civil e Engenharia de Produção, na cidade de Catalão. Com os cursos que já eram oferecidos – Engenharia Civil, Engenharia da Computação, Engenharia Elétrica, Engenharia de Alimentos e Agronomia – o número de inscritos nas diversas modalidades da engenharia no último vestibular foi de 5.413.

Considerando o panorama socioeconômico nacional e estadual e o mercado de trabalho nessa área, foram convidados para a mesa-redonda desta edição o coordenador do curso de Engenharia Ambiental da UFG, em Goiânia, Paulo Sérgio Scalize, o vice-coordenador de Engenharia Civil, em Catalão, José Júlio de Cerqueira Pituba, o presidente do Sindicato dos Engenheiros do Estado de Goiás (Senge), João Batista Tibiriçá, e o assessor de Educação e Cultura do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Estado de Goiás (Crea-GO), Ariston Alves Afonso. Eles falaram sobre formação, perfil e colocação do engenheiro hoje.



Fotos: Carlos Siqueira

Reunidos na Escola de Engenharia Civil, em Goiânia, os debatedores José Júlio Pituba, Ariston Alves, Paulo Sérgio Scalize e João Tibiriçá receberam a equipe do Jornal UFG

No vestibular 2009, dos 25 cursos novos que a UFG ofereceu, oito são de engenharia. Que fatores influenciaram na escolha desses novos cursos?

José Júlio – Percebemos que os cursos do Câmpus de Catalão eram todos voltados para a área das ciências sociais, e havia uma carência na área tecnológica. Então, foram implantados, primeiro, os cursos de Física e de Química, e, posteriormente, as três engenharias: Engenharia Civil, Engenharia de Minas e Engenharia de Produção. A Engenharia Civil foi escolhida por ser uma engenharia básica, para dar suporte aos outros cursos, e também pela demanda da construção civil. Engenharia de Produção também tem demanda em Catalão e na região devido à instalação de muitas indústrias. O engenheiro de produção tem sido bastante procurado no mercado de trabalho. A escolha da Engenharia de Minas considerou a presença das mineradoras na região. São escassos os cursos de Engenharia de Minas no Brasil.

Que impactos esses cursos podem provocar na região?

José Júlio – O país está crescendo e demanda infra-estrutura. Quem dá suporte a essa demanda é sobretudo a Engenharia Civil. As cidades de médio porte, como é o caso de Catalão, já estão enfrentando os problemas de expansão desordena-



José Júlio

da. Com o tempo pode haver problemas como os registrados em Uberlândia e Uberaba, em que há formação de verdadeiros rios, trombas d'água, toda vez que chove. Então, essa infra-estrutura urbana tem de ser pensada. Transportes, trânsito, engenharia de tráfego: o curso em Catalão foi pensado em vista desses problemas. Há também o problema da poluição, das mineradoras.

Como está a estrutura física e de pessoal da universidade para receber esses novos cursos?

Paulo Sérgio – No Câmpus Colemar Natal e Silva, de Goiânia, o bloco de salas de aula já está em projeto e será construído onde hoje existe o campo de futebol. Já foram liberados R\$ 285 mil para a compra de equipamentos permanentes e para a estruturação do futuro Departamento de Engenharia Ambiental.

Será feito um arranjo para aproveitar a estrutura existente. Trabalharemos as disciplinas básicas aqui e as de laboratório nos Institutos de Química e de Física, no Câmpus Samambaia.

José Júlio – Os cursos de tecnologia demandam um investimento inicial pesado, principalmente em laboratórios. Em Catalão, temos um planejamento para os dois primeiros anos, com vistas à parte básica. Contamos com a estrutura que já é usada pelo pessoal da Física e da Química. Laboratórios profissionalizantes já estão em fase de projeto e licitação. Já temos dois blocos de salas de aula construídos e um terceiro está em construção para as três engenharias existentes.

É correto afirmar que está havendo uma ascensão das engenharias? A que se deve isso?

Ariston Alves – Há alguns anos, a demanda do mercado era mais generalista. Havia os cursos de Civil, Mecânica, Elétrica e Agronomia e essas pessoas estavam com o emprego no mercado praticamente garantido. À medida que o estado de Goiás vai crescendo e se sofisticando, vão sendo exigidos profissionais com formação mais específica. Então, passam a surgir os profissionais, como o engenheiro ambiental e o engenheiro de minas, que possuem conhecimento mais concentrado em uma área. Com o incremento da economia do estado, esses profissionais estão sendo

demandados. Engenharia de Alimentos, por exemplo, é um segmento em expansão no estado. E quanto mais o estado cresce, mais danos ao meio ambiente são registrados. Ai, entram em cena o engenheiro ambiental e os profissionais que já atuavam nessa área, como o agrônomo e o engenheiro florestal. Assim surgem as oportunidades para os profissionais que vão se formar nesses cursos mais específicos.

Quem é o maior empregador de engenheiros no estado de Goiás?

João Tibiriçá – No campo da Civil, há grande atuação da iniciativa privada. Já na Engenharia Ambiental, o campo maior é na esfera pública. Do ponto de vista de mercado, a que tem mais procura é a Engenharia Civil. E hoje a demanda é grande. Temos um déficit habitacional alto e o governo acena com uma proposta de suprir essa demanda de moradia. Há a Emenda Constitucional n. 285/08, que prevê a destinação de 2% do orçamento geral da União direto para moradia. Se isso for aprovado, crescerá violentamente a demanda por habitação. Sem contar o estado atual da infra-estrutura do país. Há 50 anos as ferrovias foram abandonadas e vêm sendo destruídas, e hoje um país continental como o Brasil não tem logística para competir na globalização. Não há saneamento, não existe programa de manutenção de rodovias. Quantas prefeituras têm um engenheiro? Quem ocupa a secretaria de obras?

Teria de ser um profissional que é ligado ao Crea! Ai entra o problema da fiscalização da atuação profissional.

O senhor questiona o perfil atual dos engenheiros? Eles têm de ser mais atuantes?

João Tibiriçá – O perfil do engenheiro precisa ser mais empreendedor. Há quem quer ser engenheiro porque gosta de matemática. Gostar de matemática é uma coisa, ser engenheiro é outra. Acredito que o engenheiro precisa ser empreendedor. Ele não pode ficar sentado atrás da mesa.

Qual é o ideal na formação profissional do engenheiro? O que o senhor questiona nas atuais grades curriculares dos cursos de Engenharia?

João Tibiriçá – Hoje não é como há 35 anos, está muito especializado. Penso que o problema não está dentro da universidade, está fora dela: é a educação fundamental. Não adianta ter um curso de excelência na Engenharia Civil, na Engenharia de Produção etc, se o aluno que chega ao curso é fraco. O problema está fora da universidade. Temos de pressionar o MEC para melhorar o nível da educação fundamental. Tem de dar reforço de matemática nas escolas. Eu fico impressionado com os alunos não saberem fazer conta!

Ariston Alves – O que a gente vê realmente é uma tendência cada vez maior de especialização, e isso porque

foi dada à universidade a condição de montar o currículo do curso de acordo com a sua região. Há algum tempo havia um currículo mínimo que ela era obrigada a seguir, ditado pelo MEC. Hoje não, a LDB



deu uma grande liberdade para as universidades. O que são as atribuições? São as habilidades e competências que ele tem para atuar no mercado de trabalho. Antes, era tratado como um pacote. Tanto fazia se a pessoa era formada aqui ou no Rio Grande do Sul tinha as mesmas atribuições. A LDB mudou isso. E o Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia-Confea também teve de mudar, adaptar-se a isso. Se a pessoa fizer Engenharia Civil optando por disciplinas da área sanitária, ele vai ter o curso de Engenharia Civil com habilitação em Sanitária. Se ele optar por disciplinas de outras áreas, terá sua habilitação voltada para outro segmento. Isso em todas as profissões. Hoje vê-se a tendência de o engenheiro ambiental ocupar espaços que anteriormente eram ocupados pelo

engenheiro civil na área de saneamento e do engenheiro sanitário, principalmente porque não há o engenheiro sanitário em Goiás. Então, o engenheiro ambiental vem suprir essa demanda. O Crea tem a obrigação de analisar dados curriculares, ementas de disciplinas, em relação ao que chamamos de matriz do conhecimento, fornecida pelo Confea. Será comparada essa matriz com o que a pessoa fez. Se fez o conteúdo mínimo para aquele conhecimento, terá atribuição naquilo, se não, estará fora do mercado naquele conhecimento. Quanto mais específico fica o curso, menos atribuição a pessoa vai ter. Assim, ela ficará presa às limitações do curso que escolheu.

José Júlio – Concorde com o representante do sindicato, antes havia uma formação básica muito sólida. O engenheiro tem de ser empreendedor, ter uma formação básica sólida para aplicar os conhecimentos. E aí entra uma crítica minha. Cada vez mais, hoje, está-se exigindo que o professor tenha doutorado. Mas ele pode estar muito voltado na área de pesquisa e não ter aquela vivência prática. Ao meu ver, o professor tem de ter também experiência prática para passar esse conhecimento para os alunos. Isso não quer dizer que a pesquisa não seja importante. Dependemos do incremento tecnológico. Mas tem de haver um meio termo.

Quais são os desafios para esses cursos que estão surgindo agora?

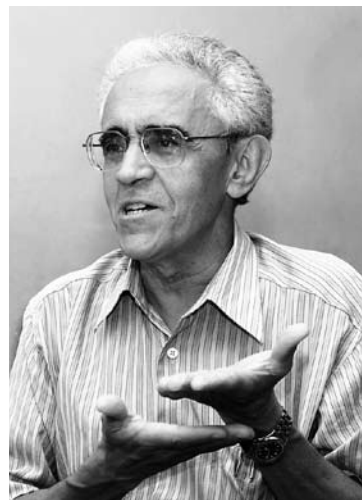
Paulo Sérgio – No caso da Engenharia Ambiental, é formar profissionais que consigam ser bons gestores. E captar professores que desenvolvam pesquisa e também tenham experiência prática. E o desafio da Escola de Engenharia é conseguir fazer os laboratórios, montar toda a estrutura física.

Há perspectivas positivas em relação aos índices de crescimento econômico do país com a implantação do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) e outras ações do governo?

Ariston Alves – Na verdade, o PAC nada mais é do que aquilo que o governo deveria fazer sem precisar de propaganda. Mas, infelizmente, surgiu a crise e não se sabe até que ponto ela vai afetar. Pelas informações que temos hoje, o crescimento previsto, de 4%, não deverá ser alcançado. Mas precisaríamos mais do que isso, precisaríamos de 6% a 8%, principalmente em um estado como Goiás, que foi industrializado com atraso, que está descobrindo isso agora, e tem uma série de ca-

racterísticas favoráveis. É um estado que tem muito potencial de crescimento, principalmente na área de alimentos, da agroindústria. E se a crise não o afetar, esse setor vai demandar uma quantidade muito grande de profissionais, na área de Engenharia de Alimentos, Engenharia Ambiental, Engenharia Mecânica, Engenharia Civil e Engenharia Agrônoma, para produzir esses produtos que deverão ser industrializados. O déficit de infra-estrutura realmente é muito grande no país hoje. O Crea tem procurado, na medida de sua competência legal, exigir a contratação desses profissionais. Mas nos municípios de pequena população, o prefeito argumenta que não tem dinheiro para contratar um engenheiro civil. Aí, ele nomeia alguém de sua confiança, que nem sempre tem formação na área, para desenvolver aquela atividade. Contratar um engenheiro, hoje, não custa tão caro assim, diante do benefício que pode trazer para o município.

João Tibiriçá – Penso que essa crise foi “fabricada”, e não dá para se ter uma ideia do que vai acontecer. É uma crise que você não consegue entender. Numa expectativa de que ia ser menor a demanda, hoje não se consegue comprar um carro e levar na hora! Penso que o Brasil tem condições de crescer, de certa forma, independente do resto do mundo. Não que aqui seja uma ilha. A engenharia movimenta mais de 70% do PIB brasileiro. Então, ela tem condição de alavancar esse crescimento. Desde que haja uma mobilização do governo. Desde que haja essa disposição. E que se deixe um pouco a burocracia. À medida que se cobra esse crescimento, cria-se demanda para a universidade formar mais alunos. Então, há demanda. Mas, para isso, precisamos trabalhar em conjunto. Há condições, sim, de crescer, 4% a 5%, porque é preciso reconstruir toda a infra-estrutura do país. E é preciso começar a fazer algo,



João Tibiriçá

porque não é só construir: é preciso manter a habitação, manter as rodovias, manter as escolas, manter os hospitais, manter o sistema de abastecimento de água e de tratamento de esgoto. O setor tecnológico tem essa responsabilidade.

Paulo Sérgio – O que eu vejo em órgãos, principalmente estaduais e municipais, é que uma parcela dos que trabalham no setor não estão pre-



Paulo Sérgio

paradas para elaborar projetos nem para fiscalizar as obras. Às vezes não sabem nem mesmo contratar uma empresa para fazer o serviço, pois não sabem pedir. É uma dificuldade imensa, por exemplo, ir a um departamento de água e pedir um projeto de uma rede de água, por exemplo. E é mais difícil ainda executar. Ou seja, se não faz direito, não contrata a firma direito.

José Júlio – Realmente, se essa crise que se abateu sobre o mundo não persistir ou ficar do jeito que está hoje, penso que o Brasil tem condições de crescer. E se houver uma atuação do governo, mais ainda. Ainda mais porque a grande demanda do país é em infra-estrutura, então os engenheiros e a área tecnológica teriam um grande espectro de emprego.

O espaço está aberto para que os senhores façam as suas considerações finais.

João Tibiriçá – Eu quero deixar minha consideração de que é preciso buscar a integração dessas áreas – da universidade, do sistema Confea-Crea, que regulamenta e fiscaliza o exercício profissional – no sentido de exigir que se contrate o profissional, porque isso vai melhorar a qualidade de vida da população. E isso não está certo. Temos de trabalhar no sentido de não adoecer. E não degradar mais o ambiente. Como está, não tem mais sentido. Essa visão da Engenharia Ambiental tem de estar na Engenharia Civil, área na qual as atividades têm um impacto imenso. Tudo que a Engenharia Civil faz tem um impacto tremendo no meio ambiente.

Paulo Sérgio – Com relação ao curso de Engenharia Ambiental, a perspectiva é de que forneça vários profissionais com as condições de atuar no estado, já que existe grande carência desses profissionais. A expectativa é grande. Apesar de que, como em quase todos os municípios, quem cuida de água e esgoto é a Saneago, o profissional teria de entrar nessa empresa para exercer água e esgoto. Com relação à drenagem e aos resíduos sólidos, cada município deve ter o seu projeto, e há muitos municípios que não têm. Então, o horizonte para esses profissionais é grande. E o campo é grande, está em expansão.

José Júlio – Só teremos uma qualidade de vida melhor quando tivermos profissionais capacitados atuando no dia-a-dia. E para formar melhores profissionais, precisamos de melhor qualidade de ensino. Então, indiretamente, essa qualidade de vida estará ligada à qualidade de ensino. Não é só aumentar a quantidade de profissionais, colocar aí 50 engenheiros civis na praça, mas sem uma formação sólida. O aluno com uma boa formação básica estará mais preparado para receber a formação tecnológica e entrar na prática, nos laboratórios. Não adianta só aumentar o número de vagas nas universidades, formar uma quantidade maior de profissionais, mas, sim, colocar no mercado profissionais qualificados. Para isso, a universidade precisa ter estrutura e um número de professores suficiente e com vivência prática. Assim, um dos nossos desafios é conseguir mais vagas para professores.

Ariston Alves – O Crea é composto por profissionais das diversas modalidades. Da maioria das profissões que estão registradas no conselho – temos lá umas 300 profissões, mais ou menos – em Goiás, há representantes entre os 42 conselheiros e nas cinco câmaras das engenharias Agrônoma, Civil, Elétrica, Mecânica e de Minas. O conselho é composto por profissionais indicados por instituições de ensino. Eles é que vão direcionar a ação do Crea. Se o conselho não tiver em sua composição um engenheiro ambiental, um engenheiro de alimentos, haverá uma certa dificuldade para direcionar a sua fiscalização nessas áreas, faltará vivência. Fiscalizar Engenharia Civil e fiscalizar Engenharia de Alimentos são coisas totalmente distintas. A escola tem de indicar os professores para compor esse colegiado e dar essas instruções. Os profissionais dessas áreas novas têm de se aproximar do conselho, pleitear representação, a fim de que as atividades do conselho sejam direcionadas também para os interesses dessas áreas.



Ariston Alves

Pesquisa propõe o tratamento de esgoto com plantas e demonstra uma eficiência de mais de 99% na redução de coliformes

Tratamento alternativo para o esgoto domiciliar

Professor Rogério Almeida e uma amostra de bambu, espécie que está sendo testada em suas unidades de pesquisa

Lutiane Portilho

A destinação final do esgoto sanitário é, em regra, o lançamento em córregos ou rios. Entre as várias consequências dessa prática, há o desprendimento de maus odores, a mortandade de peixes e a ameaça à saúde pública. Um destino diferente para o esgoto é possível com o método testado no trabalho de conclusão de curso de dois alunos da especialização em Tratamento e Disposição Final de Resíduos Sólidos e Líquidos, da Escola de Engenharia Civil da Universidade Federal de Goiás.

O professor da Escola de Agronomia e Engenharia de Alimentos da UFG, Rogério de Araújo Almeida, que desenvolve estudos sobre tratamento de esgoto com plantas desde o seu doutorado em Agronomia, concluiu em 2005, e o tecnólogo em construção civil, Douglas Pereira da Silva Pitaluga, vêm pesquisando a utilização de plantas no tratamento do esgoto doméstico, por um processo denominado zona de raízes. O projeto experimental *Sistema domiciliar de tratamento de esgoto por plantas: uma contribuição ao ambiente da cidade de Goiânia* teve início no segundo semestre de 2007, quando foi proposto o estudo referente à concepção do sistema e elaborado o projeto de engenharia. Em janeiro de 2008, foi concluída a construção da estação de tratamento na casa de Douglas.

De acordo com Douglas, o projeto foi impulsionado pela preocupação com o grave problema da poluição dos rios e córregos da cidade, principalmente do Rio Meia Ponte. “Tivemos a ideia de fazer uma estação de tratamento de esgoto residencial para evitar inconvenientes como o mau odor e o sabor estranho na água potável”, afirma o tecnólogo. Segundo ele, esse sistema tem a vantagem de ser construído no mesmo local onde o esgoto é produzido. Dessa forma, mesmo nas residências que não estão ligadas à rede coletora de esgoto, esse tipo de estação pode ser implantada, evitando-se que o esgoto bruto seja despejado nos rios.

O processo de tratamento do esgoto ocorre todo na rizosfera, uma

zona constituída pela interação do solo com as raízes das plantas. De acordo com o professor Rogério, o processo promove uma limpeza do ambiente. “Há o solo, as raízes das plantas e as bactérias. Os nutrientes, como nitrogênio, fósforo e potássio, são absorvidos por bactérias e pelas plantas e vão para o tecido vegetal. Os coliformes, que são bactérias com indicativo patogênico, são extintos por substâncias antibióticas liberadas pelas raízes das plantas ou pela competição com as bactérias existentes na rizosfera.”, explica o professor.

Estação – Em funcionamento na residência de Douglas desde o começo de 2008, a estação é simples, o que atende ao requisito socioeconômico e cultural do país, segundo o tecnólogo. Ela é constituída de três unidades básicas: um tanque séptico, no qual ocorre a digestão anaeróbica do esgoto; um leito vegetado com as espécies lírio-do-brejo e taboa, preenchido com areia e brita; e um reservatório que armazena o efluente tratado. Nesse caso, a areia, a brita e as raízes das plantas complementam a purificação do esgoto, iniciada no tanque séptico.

De acordo com o professor Rogério, houve uma redução de um bilhão de coliformes por 100 ml de esgoto para 200 coliformes por 100 ml. “A eficiência foi de 99,99998%. O leigo talvez não entenda tantos zeros, porque isso é quase 100%, o que dá ideia de uma água pura. É uma redução fantástica”, comemora o professor. Ele explica que, em termos numéricos de coliformes, o esgoto tratado está dentro de um limite estabelecido para a água de um córrego limpo, sem qualquer poluição. Dessa forma, esse material pode ser lançado em um curso d’água sem problema nenhum. Mas ele alerta que essa água ainda não está pronta para ser consumida: “Ela ainda não é potável, mas pode ser tratada e virar água para consumo humano. Nessa fase da pesquisa, nós visávamos uma eficiência no tratamento para ter um efluente compatível com o que as resoluções do Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama) determinam para ser lança-

do em um manancial”, afirma o professor Rogério.

Os benefícios desse tipo de tratamento são inúmeros, de acordo com os autores da pesquisa. Somam-se o baixo custo de manutenção, a facilidade de operação e o custo de implantação/construção bem menor que das outras estações. Além disso, há o paisagismo agradável, propiciado pelas plantas, e a possibilidade de reutilizar o efluente tratado na irrigação de jardins, lavagem de calçadas, descargas sanitárias, lavagem de veículos, restringindo o uso da água potável somente para consumo do indivíduo. “Esse sistema tem a vantagem de ser totalmente natural e sustentável, evitando a quantidade de produtos químicos que, atualmente, são utilizados nas estações de tratamento”, afirma Douglas.

Nesse estágio das pesquisas sobre tratamento de esgotos com plantas na UFG, o foco não é mais tratar o efluente e lançá-lo em um manancial, mas aplicar esse efluente no solo vegetado com bambu, que absorverá os nutrientes e a matéria orgânica necessária para o seu crescimento. “Imagine um bambu irrigado o ano todo, ainda mais com efluente de esgoto. Esse material vai crescer e produzir muita massa, transformando o esgoto em biomassa, podendo crescer até 80 cm por dia”, afirma o professor Rogério. Depois que o bambu crescer, entrará em ação um outro projeto do professor, com o objetivo de ensinar produtores rurais, pequenos agricultores e desempregados a trabalhar com o bambu, o que dará sustentabilidade a várias famílias.

Premiação – A pesquisa desenvolvida pelo professor Rogério e por Douglas recebeu o Prêmio Crea Goiás de Meio Ambiente 2008 na modalidade Saneamento, entregue em 27 de novembro. O prêmio tem por objetivo incentivar e homenagear profissionais ou programas que contribuam para a preservação, a defesa e a conservação do meio ambiente no estado de Goiás. “É uma grande realização, o reconhecimento de muito esforço e de todo o nosso trabalho”, exalta o professor.

Fotos: Rogério Almeida

Escavação para implantação das unidades de tratamento



Preenchimento do leito com areia e brita

- O professor Rogério Almeida orienta diversas pesquisas de mestrado em Engenharia do Meio Ambiente, da Escola de Engenharia Civil (EEC) da UFG. O trabalho de Lorena Lemes avalia a eficiência de duas espécies de plantas (taboa e caniço) no tratamento de esgoto doméstico. Em outra pesquisa, Daniela Souza avalia três espécies de vegetais (taboa, papiro e lírio-do-brejo) no tratamento do lodo de esgoto de um curtume. O trabalho de Eurivan Mendonça é avaliar três espécies de bambu na purificação do esgoto industrial de Senador Canedo. Na mesma cidade, a pesquisa de Karina Quege consiste em avaliar duas espécies de bambu no tratamento do chorume do aterro sanitário. Douglas Pitaluga vai avaliar diferentes substratos no tratamento do esgoto sanitário, na EEC. E Fernanda Posch deve investigar o trabalho dos caminhões limpa-fossa.
- Outros trabalhos dessa linha realizados pelo professor Rogério também foram premiados pelo Crea: em 2004, na categoria Saneamento e, em 2005, na categoria Energia Limpa.



Aspecto de jardim quatro meses após o plantio

Plano de gerenciamento de resíduos é apresentado em dissertação

Após amplo diagnóstico, o plano propõe conscientização ambiental e manejo adequado de resíduos

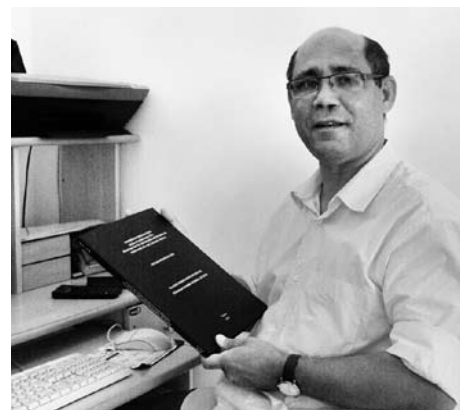
Michele Martins

Área construída dos dois câmpus da Universidade Federal de Goiás (UFG) em Goiânia é composta por edifícios que somam mais de 200 mil metros quadrados. São salas de aula, laboratórios, centros cirúrgicos, espaços para a criação de animais, secretarias administrativas, lanchonetes, restaurantes, entre outros locais úteis e funcionais. Esses espaços abrigam servidores, professores e alunos em diversas atividades de ensino e pesquisa. Desse modo, diariamente são produzidas toneladas de resíduos de diversos tipos, que podem ser classificados como perigosos ou não. Trata-se de materiais biológicos, químicos e radioativos, oriundos de serviços de saúde ou de escritório, de materiais de consumo comum, de construção ou demolição, que devem, cada um, ter um destino específico.

Desde 2003 a UFG tem uma Comissão de Gerenciamento Integrado de Resíduos (CGIR), que se preocupa em preservar a saúde pública e evitar a poluição do meio ambiente. Ela surgiu com a demanda de trabalhos apresentados no curso de especialização em Tratamento e Disposição Final de Resíduos Sólidos e Líquidos, da Escola de Engenharia Civil.

De acordo com o coordenador da comissão, professor Eraldo Henriques de Carvalho, o problema ambiental mais importante naquele momento era a gestão de resíduos. Em seus primeiros trabalhos, a CGIR iniciou um levantamento para descobrir quais são, onde estão e como são tratados e acondicionados os resíduos produzidos pela universidade. A finalidade desse inventário era a formulação de um plano de gerenciamento de resíduos para ser adotado pela UFG, com a meta de reduzir ao mínimo a geração, aumentar ao máximo a reutilização e reciclagem, promover o depósito e tratamento ambientalmente saudável dos rejeitos.

Para atender a essa demanda, o engenheiro sanitarista José Augusto dos Reis Cruz assumiu a pesquisa e desenvolveu o plano como projeto de mestrado. Sob a orientação do professor Eraldo de Carvalho, o mestrando teve sua dissertação aprovada em agosto de 2008. Segundo dados dessa pesquisa, em 2007 foram geradas 1.292 toneladas de resíduos na UFG, que corresponde a uma geração *per capita* anual de 80 kg. Cerca de 60%



José Augusto dos Reis Cruz que aguarda a adoção oficial do plano pela universidade

dos resíduos comuns – os que apresentam características semelhantes aos domiciliares – são compostos por materiais recicláveis e 19%, por matéria orgânica que pode ser usada em processos de compostagem, um processo biológico, através do qual os microrganismos convertem a parte orgânica dos resíduos sólidos urbanos (RSU) em um material estável, semelhante ao húmus, conhecido como “composto”.

Isso demonstra que quase 80% dos resíduos comuns gerados na UFG têm potencial de reuso ou reciclagem. Embora tenha sido constatada a existência de iniciativas isoladas de minimização e reciclagem, a implantação de um programa de educação ambiental e de coleta seletiva foi recomendada como prioritária. José Augusto dos Reis também chamou a atenção para a importância do planejamento orçamentário anual e de compras. Segundo ele, é imprescindível uma avaliação correta, ao elaborar os pedidos de materiais, para que não haja desperdício em razão do prazo de validade dos produtos.

O objetivo foi elaborar um documento que sirva como instrumento

para a gestão de resíduos, definindo normas e procedimentos para as unidades acadêmicas situadas em Goiânia. A pesquisa destacou a melhor combinação das soluções necessárias, compatíveis com as condições específicas de cada localidade. Foram estipuladas fases de manuseio, acondicionamento, coleta, transporte, armazenamento, tratamento e disposição final. O plano prevê a diminuição da quantidade de resíduos e dos impactos ambientais causados pela disposição inadequada dos diferentes tipos desses resíduos, tendo como prioridade, sempre, a redução na geração.

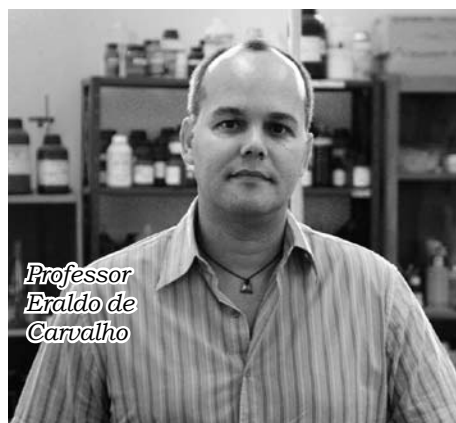
De acordo com o estudo, o custo para a implantação do plano será de aproximadamente R\$ 415 mil. O professor Eraldo de Carvalho afirmou que ele será apresentado formalmente à administração da UFG visando a sua adoção. Ele destacou que, mesmo antes do lançamento oficial do plano, as principais ações propostas já estão sendo implementadas. “A nossa principal meta, que era a implantação de abrigos para resíduos perigosos, já se encontra em fase final de execução. Devemos contar agora com a colaboração de toda a comunidade acadêmica para o sucesso na execução do plano”, declarou Eraldo Henriques de Carvalho.

O autor da pesquisa, José Augusto dos Reis Cruz, lembrou que também foi apresentada, na mesma época da sua, a dissertação do servidor Sandro Alves Nogueira, com a proposta de um plano específico, formulado para o Instituto de Química da UFG, que deverá servir de referência para todos os laboratórios que manipulem produtos químicos. “Esses planos não morrem aqui, porque a realidade é dinâmica. Daqui há dois anos pode ser que seja diferente, e é por isso que as atividades devem ser constantemente avaliadas”, ressaltou José Augusto.

Tipo de resíduo	Quantidade (t/ano)
Resíduos comuns (banheiros, restaurantes, lanchonetes, salas de aula, escritórios)	339,16
Resíduos químicos	6,27
Resíduos infectantes	485,78
Resíduos de construção e demolição	406,00
Lâmpadas fluorescentes esgotadas	2,00
Óleos lubrificantes usados	0,36
Resíduos de poda e capina	51,12
Pneus inservíveis	1,31
Total	1.292,00



Ao lado do ICB II, uma das unidades de depósito de resíduos espalhadas pelo câmpus



Professor Eraldo de Carvalho



Hipermeabilização das paredes



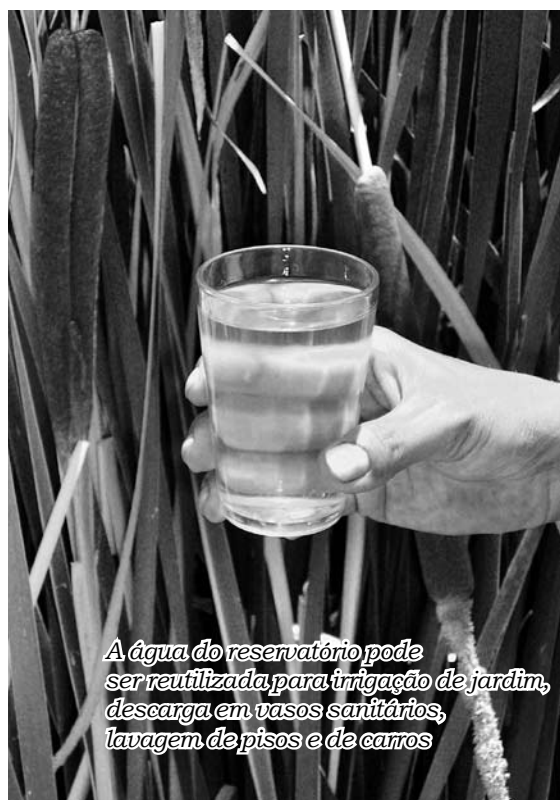
Plantio das mudas, no caso a taboa e o lírio-do-brejo



Unidade de tratamento de esgoto doméstico concluída



Proprietários aprovam o sistema



A água do reservatório pode ser reutilizada para irrigação de jardim, descarga em vasos sanitários, lavagem de pisos e de carros



Vinicius Batista

Os estudantes africanos foram recebidos por dirigentes da UFG na Reitoria

Estudantes de Moçambique e Angola no câmpus

A UFG recebeu 17 estudantes de Moçambique e Angola para atividades de iniciação científica em diversas unidades acadêmicas. Eles compõem o grupo da segunda edição do Programa de Formação Científica de Estudantes Moçambicanos e Angolanos (PFCM), coordenado pelo Ministério de Relações Exteriores (MRE) e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), para período das férias acadêmicas de verão (janeiro a março de 2009). O programa prevê que estudan-

tes de graduação de ambos os países atuem em áreas de pesquisa acordadas previamente, sob a orientação de professores qualificados.

As unidades acadêmicas envolvidas este ano incluem os Institutos de Patologia Tropical e Saúde Pública (IPTSP) e de Ciências Biológicas (ICB), as Escolas de Engenharia Elétrica, de Agronomia e Engenharia de Alimentos, e de Veterinária, além das Faculdades de Medicina, de Farmácia e de Enfermagem.

Firmado primeiro convênio de co-tutela com a França

A UFG e a Université de la Rochelle (ULR), da França, concluíram em fevereiro protocolo de um convênio, com duração inicial de três anos, que permitirá à francesa Cendrine Paul-Guers ser a primeira estu-

dante a receber um duplo diploma do programa de doutorado em História da UFG e da Escola Doutoral/ULR. O documento prevê, além da outorga de duplo diploma, a co-orientação da tese e possibilita a estudante o in-

gresso em um estabelecimento parceiro no exterior, para efetuar parte de seus estudos. Para a UFG, a implantação desse programa é um marco importante na política de internacionalização da instituição.

Impactos da produção de biocombustíveis no solo

O projeto "Indicadores bioquímicos e biológicos da qualidade do solo de cerrado e de *yungas* sob diferentes sistemas agrícolas para produção de biocombustível", coordenado pelo professor Marco Aurélio Carbone Carneiro, do Câmpus Jataí, recebeu o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), como uma

das atividades do Centro Brasileiro-Argentino de Biotecnologia (CBAB), e será implementado este ano. Graças a esses recursos, durante três anos, o projeto permitirá o intercâmbio entre pesquisadores brasileiros e argentinos em pesquisas conjuntas. O projeto é resultado de parceria entre a UFG, a Universidade de Buenos Aires e a Empresa Brasileira de

Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Pelas semelhanças entre o cerrado e a *yungas*, tipo de solo encontrado na Argentina, ambas as regiões estão propensas a sofrer modificações por causa das atividades agrícolas voltadas para a produção de biocombustíveis. O estudo da influência dessa mudança na qualidade do solo é um dos objetivos do projeto.



Carlos Siqueira

Parte do grupo beneficiado pelos programas de mobilidade

Comunidade usufrui de programas de mobilidade

Estudantes e professores da UFG foram selecionados para os programas de mobilidade acadêmica, mobilidade docente e doutoramento no exterior, com bolsa do programa Erasmus Mundus de cooperação externa (*Erasmus Mundus External Co-operation Window - EM ECW*) da *Education, Audiovisual & Culture Executive Agency*, por intermédio do Projeto ISAC (*Improving Skills Across Continents*), liderado pela Universidade de Coimbra, em Portugal. Os selecionados irão para universidades europeias pelo período de um a 30 meses, conforme o programa em que estão inseridos.

Pela categoria mobilidade acadêmica, são eles: Adriano Bitar (Engenharia Elétrica) que vai para a Czech Technical University in Prague (República Tcheca), Marília Luccas Resende (Engenharia Civil) e Juliana Pires Penna e Naves (Engenharia Civil), vão para a Universität Stuttgart (Alemanha), Gabriel Adams Castelo Aragão (Letras) e Carolina Machado (Ciências Sociais), para a Universität de Barcelona (Espanha) e Thaisa de Oliveira

Lima (Pedagogia/Jataí) e Wildes Souza Andrade (Ciências Sociais) para a Universidade do Minho (Portugal). Para o programa de doutoramento, viaja o professor Antônio Carlos de Oliveira Júnior (Ciências da Computação/Catalão) para a Universidade do Minho. Outros dois professores do Instituto de Informática, Dirson Santos de Campos (doutoramento) e Ana Paula Laboissiere Ambrósio (mobilidade docente) vão para a Universidade de Coimbra, em Portugal.

PIAI - Além destes, outros nove estudantes de graduação da UFG estão partindo para universidades estrangeiras, pelo Programa de Intercâmbio Acadêmico Internacional (PIAI), que possibilita o aproveitamento das disciplinas cursadas no exterior. Os interessados em estudar fora do país no segundo semestre deste ano deverão ficar atentos ao edital que será lançado pela Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAI), no mês de março, e disponibilizado no portal da coordenadoria (www.cai.ufg.br).

Bolsa Mérito para estudantes-convênio

Quatro estudantes estrangeiras da UFG foram contempladas pelo Programa Bolsa Mérito do Ministério das Relações Exteriores: Alcione Rocha da Cruz e Érika Dilene Lopes Sousa Ramos, de Cabo Verde, que cursam Odontologia e Artes Visuais, respectivamente; e Syntia Carolina Ruiz Valverde

e Tania Andrea Pereira Pedrozo, do Paraguai, que cursam Medicina.

A bolsa mérito é concedida aos estudantes-convênio do PEC-G que alcancem aproveitamento acadêmico excepcional. Além das notas, é avaliada a participação dos estudantes em eventos.

Três novas faculdades tomam lugar da antiga FCHF

Tomaram posse no dia 23 de fevereiro, os novos diretores e vice-diretores das recém-criadas Faculdades de Ciências Sociais, de Filosofia e de História, que se originaram do desmembramento da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia (FCHF). Na ocasião o reitor da Universidade Federal de Goiás (UFG), Edward Madureira Brasil, afirmou que é uma satisfação ver a materialização dessa mudança que ocorre com recursos provindos do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni).

À frente da Faculdade de Ciências Sociais estão Luiz Mello de Almeida Neto (diretor) e Maria Luiza Rodrigues Souza (vice-diretora). Luiz Mello declarou que

inicialmente é necessário ajustar a implantação da faculdade. "Vamos reunir os professores e definir conjuntamente as prioridades", afirmou.

Para André da Silva Porto, empossado como diretor da Faculdade de Filosofia, esta é a oportunidade de dar maior visibilidade para o curso dentro da UFG. "Temos dois desafios: a implantação do curso de graduação noturno e do programa de doutorado em conjunto com o Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília (UnB), para iniciar em 2010", anunciou o diretor, ao lado da vice-diretora Adriana Delbo Lopes.

Expectativa e desafio foram as palavras que marcaram o discurso de Leandro Mendes Rocha, o diretor da Faculdade de

História. O vice-diretor Alexandre Martins de Araújo declarou que está prevista a implementação de três projetos para o curso de História: o intercâmbio de estudos entre alunos da UFG de escolas públicas e particulares, a criação de um grupo de teatro que aborde temas e enredos baseados na história da humanidade e de uma agência de dados para difusão da produção acadêmica entre as principais revistas científicas nacionais e internacionais.

Estiveram presentes à posse os representantes da Reitoria e das pró-reitorias da UFG. Fausto Miziaira, que deixou a direção da extinta FCHF, deverá assumir a coordenação do mestrado em Agronegócio, vinculado à Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação (PRPPG).



Luiz Mello de Almeida Neto



André da Silva Porto



Leandro Mendes Rocha

Fotos: Carlos Siqueira

Inaugurado o Centro de Cultura e Eventos

O MAIOR ESPAÇO COLETIVO DA UFG FOI ENTREGUE À COMUNIDADE EM CONCORRIDA SOLENIDADE

Ana Paula Vieira e
Silvânia Lima

Depois de 17 meses em construção, o Centro de Cultura e Eventos, maior espaço comunitário da UFG, foi inaugurado. A solenidade foi o ponto alto das comemorações do 48º aniversário da instituição, em dezembro último, e atraiu a presença de diversas autoridades políticas, dirigentes e a comunidade universitária em geral. O novo edifício mudou a paisagem do Câmpus Samambaia e chama a atenção pelo *design* arrojado. Além disso, proporcionou maior proximidade com o Conjunto Itatiaia, por meio da construção de um trevo que liga o anel viário do câmpus à Avenida Esperança, que delimita o bairro vizinho.

A maior edificação da universidade, depois do Hospital das Clínicas, é um espaço próprio para grandes

e personalidades políticas. A deputada federal e professora licenciada da UFG, Raquel Teixeira, falou em nome dos colegas de bancada que, por meio de emendas parlamentares ao orçamento da União em prol da universidade, fizeram-se parceiros na construção do Centro de Cultura e Eventos da UFG. Ela afirmou que a alocação de recursos feita pelos deputados é fruto de um trabalho dedicado, habilidoso e competente do reitor da UFG e de sua equipe. Raquel corroborou a homenagem feita pela UFG a Ricardo Bufaiçal e destacou a importância do espaço para a democratização das cerimônias de colação de grau: “Esse Centro vai dar a oportunidade de participação dos alunos e conservar o sentido original da colação de grau como cerimônia acadêmica”, afirmou a deputada.

De acordo com o senador Marconi Perillo, a UFG chega aos 48 anos no ápice



Área externa do prédio à noite

Vinicius Batista

partidário. Ela também falou sobre a homenagem a Ricardo: “Que sua família possa ter neste edifício um aconchego por parte da universidade”.

O reitor Edward Madsen explicou que a ideia de um espaço onde todos os alunos pudessem participar da colação de grau surgiu

da sua vida acadêmica e não tenha o coroamento disso”, ressaltou. Portanto, ao assumir a Reitoria, em 2006, um de seus objetivos era garantir essa democratização. Sobre a homenagem ao ex-reitor, Edward lembrou que, em 25 de abril de 2008, o Conselho Universitário aprovou o nome do Centro de Cultura e Eventos Professor Ricardo Freua Bufaiçal, segundo ele, um dos homens mais éticos que essa universidade conheceu. “Espero que ele seja exemplo para várias gerações de gestores públicos”, declarou.

Edward Brasil prestou o seu reconhecimento à equipe de pró-reitores, assessores, arquitetos e engenheiros do Centro de Gestão de Espaço Físico (Cegef), coordenadores de cursos, diretores de unidades e todos que se comprometeram com a construção e o desenvolvimento da UFG. O reitor também reconheceu o diálogo constante com a bancada federal, tanto deputados quanto senadores, que dedicaram “apoio incondicional” à instituição, afirmando que a obra é fruto de determinação, desprendimento, coragem e boa vontade, inspirados direta ou indiretamente na trajetória de Ricardo Bufaiçal.

Estiveram presentes ainda a senadora Lúcia Vânia; o vice-presidente da Assembleia Legislativa do Estado de Goiás, Honor Cruvinel, representando o presidente da casa, Jardel Sebbá; a presidente da Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, Linda Monteiro, e os deputados federais Carlos Alberto Leréia, João Campos, Íris de Araújo Machado, Leonardo Vilela, Luis Bittencourt, Pedro Chaves, Pedro Wilson e Ronaldo Caiado. Após a solenidade, houve uma apresentação da Banda Pequii, da Escola de Música e Artes Cênicas (Emac), e o descerramento da placa de inauguração do prédio. A comemoração encerrou-se com um almoço.

Acesso – Antes da cerimônia de inauguração do prédio, uma comitiva da Prefeitura de Goiânia, com a presença do prefeito Iris Rezende Machado e do vice-prefeito, Paulo Garcia, e a equipe da UFG, liderada pelo reitor, inauguraram a pavimentação que dá acesso ao novo edifício da UFG. “A prefeitura não poderia faltar com a complementação de tudo que facilita o acesso ao câmpus”, afirmou Iris Rezende.



Familiares e amigos de Ricardo Bufaiçal descerraram a placa de inauguração

eventos, com capacidade para quatro mil pessoas sentadas. São 8,7 mil metros quadrados de área construída, incluindo um grande salão, amplo palco e outras repartições. O *design*, a acústica perfeita, os equipamentos de projeção de imagem, som e iluminação são diferenciais do novo espaço de eventos da UFG.

O Centro de Cultura e Eventos leva o nome do professor Ricardo Freua Bufaiçal, em homenagem ao ex-reitor da UFG, falecido em 2008. Familiares e amigos do homenageado estiveram presentes no evento e foram representados pelo filho, João Luiz Félix de Souza Bufaiçal, que fez os agradecimentos emocionados. “Meu pai nunca deixou de ser um homem reto, íntegro e justo. É uma nobreza o gesto da UFG, que eterniza a memória dele nessa edificação”, disse.

A solenidade contou com a presença de membros dos diversos segmentos da comunidade universitária, autoridades do município e do estado

da sua maturidade: “Ao longo desses anos, a universidade teve papel decisivo no desenvolvimento, na formação da cidadania e na composição dos quadros técnicos do estado”, declarou. Além de enaltecer a “justíssima homenagem” a Ricardo Bufaiçal, Marconi também reiterou seu compromisso com a UFG: “Anualmente, destinarei nunca menos de R\$ 1 milhão das minhas emendas individuais à universidade”, comprometeu-se.

O prefeito de Goiânia, Iris Rezende, parabenizou a UFG pela “importante estrutura que dará um maior suporte às atividades acadêmicas”. “Desde o início o reitor da UFG não mediu esforços para consolidar parcerias e difundir o conhecimento, arma que tudo transforma”, destacou Iris.

A ex-reitora da UFG e atual secretária de Educação do estado, Milca Severino Pereira, trouxe os cumprimentos do governador Alcides Rodrigues e parabenizou a todos pelo trabalho sério e supra-



Reitor falou aos presentes

Fotos: Carlos Siqueira

em 2000, quando era diretor da Escola de Agronomia e percebeu que muitos estudantes não participavam da solenidade por não poder arcar com os custos da cerimônia. “É inadmissível que um estudante vença todas as barreiras

Formaturas pioneiras

Logo em janeiro teve início a primeira temporada de formaturas no Centro de Cultura e Eventos Professor Ricardo Freua Bufaiçal, devolvendo às cerimônias de colação de grau seu caráter solene. A turma que estreou o novo espaço foi a do curso de Engenharia Civil, seguida por Medicina e Enfermagem. De acordo com Venerando Ribeiro de Campos, coordenador de Relações Públicas da UFG, até maio, serão realizadas 30 formaturas em Goiânia e dez em Jataí, Catalão e Goiás. A intenção é que no futuro ocorra a união de



Vinicius Batista

turmas para a realização da colação de grau. Tem-se registrado a participação plena dos formandos de todos os cursos, que o fazem quase sem ônus. Outra novidade

da UFG para os formandos é a entrega do diploma durante a solenidade, possível graças ao empenho da equipe do Departamento de Assuntos Acadêmicos (DAA).

Você conhece o Necasa?

O núcleo de estudos realiza atendimento a adolescentes há 20 anos e tem potencial para tornar-se espaço de ensino e pesquisa

Caroline Pires

Desde a sua fundação em 1988, o Núcleo de Estudo e Coordenação de Ações para a Saúde do Adolescente (Necasa), que é vinculado à Pró-reitoria de Extensão e Cultura (Proec), desenvolve ações que primam pela saúde e integração de adolescentes. O trabalho alcança os adolescentes de duas formas: diretamente, por meio de acompanhamento pessoal, e indiretamente, pela capacitação de profissionais que trabalham com adolescentes. A falta de conhecimento da comunidade acerca do trabalho do Necasa acaba por limitar a atuação da comunidade acadêmica e o potencial para pesquisa e extensão do núcleo.

Em sintonia com o Estatuto da Criança e do Adolescente, o atendimento visa à proteção integral da saúde do adolescente, levando em conta a participação de sua família em todos os passos dados pela equipe multiprofissional. Atu-

am no Necasa assistentes sociais, enfermeiros, nutricionistas, psicólogos, psicopedagogos, médicos pediatras, hebiatras, ginecologistas e obstetras.

O Necasa constitui, hoje, uma referência no atendimento a adolescentes no estado de Goiás. O acesso ao programa tanto pode ocorrer de forma espontânea, quando os próprios adolescentes e suas famílias procuram o núcleo, ou a partir de encaminhamentos feitos por instituições como o Hospital das Clínicas, Ministério Público, conselhos tutelares, escolas, entre outras. O núcleo lida cotidianamente, em suas ações, com os problemas relacionados com a vida dos jovens na sociedade, como a gravidez precoce, conflito com a lei, envolvimento com drogas, dificuldade escolar, violência.

Mas a atuação na formação de recursos humanos também constitui uma das prioridades do Necasa. São realizados cerca de 90 atendimentos mensais, que se dividem em trabalhos em grupo ou individuais. Atuam no Necasa quatro psicólogos, sendo três da Secretaria Municipal da Saúde, além de três assistentes sociais da UFG. O núcleo é mantido por meio de recursos da universidade e de projetos de capacitação para profissionais que atuam com adolescentes.



Carlos Siqueira

Cerca de 90 atendimentos mensais são realizados nas novas instalações do Necasa

Estágio – Apesar de todos os projetos e atividades desenvolvidos pelo núcleo, segundo a coordenadora do Necasa, Rúbia Oliveira, é fundamental a abertura de vagas para estágios em várias áreas, além de Psicologia e de Serviço Social, como Letras, Musicoterapia, Artes visuais e Publicidade. “Somente assim haverá a possibilidade de ampliar os atendimentos”. O estágio tornará o núcleo um espaço também de ensino indissociável da extensão, sendo que a presença e orientação dos estagiários poderá abrir as portas do núcleo também para realização de pesquisas. Segundo Anselmo Pessoa, pró-reitor de Extensão e Cultura, a possibili-

dade de estágio existe, mas a universidade está preparando uma resolução que irá regulamentar a criação e adequação das vagas de acordo com a nova lei.

Capacitação – A formação de profissionais para o trabalho com os adolescentes é prioridade no Necasa. Em 2008 o projeto *Escola que protege* alcançou 700 professores e profissionais que trabalham com adolescentes em um curso de 80 horas. De acordo com a coordenadora do núcleo, há previsão de expansão do trabalho para cidades do interior em 2009. No ano passado, foi ministrado um curso para 250 profissionais que trabalham com adolescentes autores de atos infracionais

em cumprimento de medidas socioeducativas.

Funcionamento – Quando chega ao Necasa, o adolescente passa pelo período de acolhimento, momento em que o profissional responsável faz as orientações e os encaminhamentos. Após esse primeiro contato, o adolescente participa de diversas atividades individuais e em grupo. Há também um grupo que trabalha com os pais do adolescente. No último ano, várias atividades de convivência foram promovidas, os adolescentes visitaram o Centro Cultural Oscar Niemeyer, o Bosque dos Buritis e foram duas vezes à Faculdade de Educação Física, onde participaram de momentos de socialização.



Vinicius Batista

Representantes da UFG e da Secretaria Municipal de Saúde reforçam ações de combate ao mosquito transmissor da doença

Parceria para combater a dengue

Com o objetivo de somar esforços para combater o mosquito da dengue, reuniram-se, no final de janeiro, o reitor Edward Madureira Brasil, o coordenador da Secretaria Municipal de Saúde, Geraldo Rosa, o pró-reitor de Extensão e Cultura, Anselmo Pessoa, Neto a pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação, Divina das Dores Cardoso, o diretor do Instituto de Ciências Biológicas (ICB), Reginaldo Nassar, o professor Heleno Dias, também do ICB, além do diretor do Centro de Gestão do Espaço Físico (Cegef), Marco Antônio Oliveira.

Na reunião, foram discutidas estratégias de combate ao

mosquito, que serão acrescentadas àquelas já promovidas há alguns anos pela universidade. O representante da Secretaria Municipal de Saúde entregou um relatório, elaborado na UFG, que identificou ambientes propícios para o surgimento de larvas do mosquito *Aedes aegypti*. Em seguida, as autoridades ressaltaram possibilidades concretas de ações conjuntas, por meio de atividades de extensão e de pesquisa. Será estudada a possibilidade de bolsas específicas para alunos integrantes do trabalho de prevenção de focos do *Aedes aegypti*, dentro e fora da universidade.

Público aprova alunos no Hospital das Clínicas

Rodrigo Vilela

As estudantes do terceiro ano de Medicina da Universidade Federal de Goiás (UFG), Nayara Gomes Silveira da Costa, Priscilla Caixeta de Oliveira, Verena Nunes e Silva e Yana de Sousa Rabelo sob a coordenação do professor Paulo César Brandão Veiga Jardim, realizaram uma pesquisa no Hospital das Clínicas (HC), na qual é comprovada a importância da participação dos alunos no atendimento aos pacientes internados. O grupo integra a Liga de Hipertensão Arterial, da Faculdade de Medicina da UFG.

Foram entrevistados pacientes maiores de 18 anos, internados nas enfermarias do HC, que já tivessem sido internados há menos de um ano em outro hospital (que não fosse um hospital-escola).

“As entrevistas foram realizadas após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa Médica Humana e Animal do Hospital das Clínicas”, explica Paulo César Veiga Jardim. A maioria dos entrevistados (78,13%) afirmou que existe diferença no atendimento recebido no HC em relação ao recebido no outro hospital, de sua última internação. A diferença foi quantificada como grande por 70,67%.

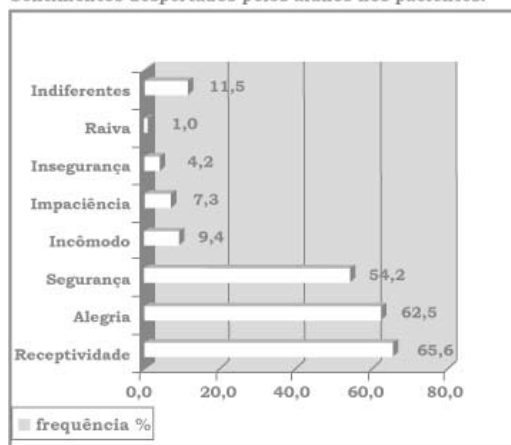
De modo geral, os pacientes avaliaram o atendimento no Hospital das Clínicas como muito bom. A qualidade desse atendimento envolve uma parte técnica, inerente ao funcionamento de um hospital-escola, e outra, representada pelas

relações humanas, também de fundamental importância na recuperação dos pacientes.

Na maioria dos hospitais, a equipe multidisciplinar de profissionais de saúde trabalha quase sempre de maneira independente. Em um hospital-escola, essa equipe tem uma atuação mais coesa, e ainda conta com a participação dos estudantes, que, segundo os resultados desse estudo, é bastante significativa.

Foi demonstrado que os pacientes do HC estão satisfeitos com a presença dos alunos no hospital e que estes lhes despertam sentimentos de alegria, segurança e acolhimento. “Todos esses fatores são fundamentais para a formação dos novos médicos da UFG, já que oferecem aos acadêmicos a possibilidade de compreender que a atuação médica transcende os aspectos exclusivamente técnicos. A consequência direta disso é a melhoria da qualidade do atendimento prestado à população”, conclui Paulo César Veiga Jardim.

Sentimentos despertados pelos alunos nos pacientes.



FESTA DA PAMONHA comemora resultados do projeto Sementes em Jataí

Universidade festeja com agricultores a colheita de milho verde no Assentamento Rio Claro, por meio de atividades que aliam pesquisa e extensão

Dinalva Donizete Ribeiro*

No dia 14 de fevereiro integrantes do “Projeto Sementes: reaplicação, reprodução e disseminação de sementes de milho crioulo e implantação de um banco de sementes – estratégia para autonomia de agricultores familiares em Jataí (GO)”, do Câmpus Jataí, promoveu com os agricultores do Assentamento Rio Claro a primeira Festa da Pamonha.

A festa marcou o início da colheita do milho verde, além de ter um significado especial para todos os que participam do projeto: a socialização e a integração entre agricultores, equipe técnica e convidados de outros assentamentos, acampamentos e comunidades do município. O evento teve o objetivo de comemorar os avanços obtidos no decorrer deste primeiro ano de trabalho.

Essa atividade faz parte do cronograma do projeto, que tem o objetivo de reproduzir duas variedades de sementes de milho (caiano e MPA), criar um banco de sementes e distribuí-las aos agricultores familiares do município e de outras regiões do Brasil, contribuindo para a autonomia dos

agricultores em face do mercado de sementes e de rações. O projeto, que vem sendo desenvolvido sob a coordenação da professora Dinalva Donizete Ribeiro, do Câmpus Jataí, desde março de 2008, é financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e se estenderá até setembro de 2010.

A equipe é multidisciplinar e composta por 22 pessoas, entre professores, estagiários e estudantes dos câmpus de Jataí, Catalão e Goiás, além de envolver a população do Assentamento Rio Claro, que é composto por 17 famílias, num total de 74 pessoas. Diversas outras atividades estão em desenvolvimento no as-

sentamento, como a pesquisa “Diagnóstico produtivo, social e econômico”; a criação de um núcleo de apoio pedagógico; curso e demonstração de reforma de pastagens; curso e demonstração de preparação de silagem e ração; assistência médica veterinária; assistência agrônoma; atividades socio-culturais; elaboração de vídeo documental; elaboração de cartilhas educativas; desenvolvimento e aprimoramento de metodologias participativas; seminários de avaliação do projeto e dias de campo.

Os dias de campo são realizados em determinadas fases do projeto, de forma a divulgar resultados, sobretudo técnicos, das etapas desenvolvidas. O

próximo será realizado no dia 9 de maio e marcará o início da colheita do milho maduro. Na ocasião, serão feitas as análises e demonstrações do potencial produtivo das variedades e da relação custo-benefício, ou seja, as vantagens produtivas e econômicas que o agricultor pode obter ao optar pelo cultivo do “milho crioulo”.

O projeto é pautado no cultivo de milho. No entanto, constitui um pivô em torno do qual giram outras ações que visam fortalecer a comunicação entre a universidade pública e os agricultores familiares assentados, numa perspectiva de extensão e metodologias participativas, articulando o conhecimento técnico-científico à experiência

empírica e prática dos agricultores, a fim de integrar saberes, experiências, vivências.

Além das atividades descritas, o projeto permitiu a criação e a manutenção de uma página eletrônica para a divulgação dos resultados deste e de outros projetos voltados para a agricultura familiar desenvolvidos pela mesma equipe, bem como para contatos. No endereço eletrônico www.neafug.org.br podem ser obtidas mais informações sobre o Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Agricultura Familiar (NEAF).

*Coordenadora do Projeto e do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Agricultura Familiar (NEAF)

Fotos: Divulgação



Festa da Pamonha promove integração e troca de saberes entre agricultores e acadêmicos



Catalão inicia programas de pós-graduação

Adriana Rodrigues

Logo no início do ano acadêmico, o Câmpus Catalão da Universidade Federal de Goiás (UFG) abriu inscrições para vários programas de pós-graduação. Segundo a coordenadora de Pesquisa e Pós-graduação do CAC, Maria Rita de Cássia Santos, a instituição oferece, ao todo, sete cursos de pós-graduação *lato sensu* nas áreas de Matemática, Ciências da Computação, História, Letras, Pedagogia, Geografia e Educação Física, além de um programa *stricto sensu*: o mestrado em Geografia.

A criação de cursos de pós-graduação no CAC responde a uma demanda intensa dos recém-graduados da própria unidade e de outras instituições de ensino superior da cidade e região. De acordo

com a coordenadora, o número de inscritos é alto e todas as vagas são preenchidas. Os candidatos passam por um rigoroso processo de seleção, que inclui avaliação de currículo e de histórico escolar, apresentação de pré-projeto de pesquisa e de uma carta de intenção de estudo e entrevistas com membros da comissão de seleção. Na análise de currículo, são observadas a produção científica e as atividades profissionais e acadêmicas dos inscritos.

Entre os cinco cursos que se iniciam este ano está a especialização em Educação Especial e Processos Inclusivos, oferecido pelo Departamento de Pedagogia. Para a coordenadora desse curso, Dulcélia Tartuci, “essa especialização é o pontapé inicial para a formação do educador que

irá lidar com a inclusão e uma forma de compromisso que assumimos para que a educação seja um direito de todos”. Maria Rita de Cássia Santos lembrou que, no ano passado, o departamento ofereceu a especialização em Educação Infantil, que teve grande aceitação entre os professores do município de Catalão e da região.

Outros cursos de especialização voltados para o aperfeiçoamento da docência oferecidos em 2009, no CAC, são a especialização em Leitura e Ensino, do Departamento de Letras, e especialização em História, Cultura e Poder. Na área de Ciências Exatas, o Câmpus Catalão abriu turmas para o curso de especialização em Segurança da Informação, oferecido pelo Departamento de Ciências da Computação, e especialização em Matemática

com o tema “Ferramentas computacionais aplicadas ao ensino”. Ambos são semipresenciais e têm duração de 360 horas/aula. De acordo com a coordenadora do curso de especialização em Matemática, Elida Alves da Silva, o programa existe desde 1997, com o objetivo de abordar temas da matemática mais profundamente e ajudar na preparação de professores que queiram ingressar em um curso de mestrado.

Mestrado – O primeiro programa de pós-graduação *stricto sensu* do Câmpus Catalão foi o mestrado em Geografia, aprovado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), com início em agosto de 2008. O programa oferece 15 vagas, divididas em duas linhas de pesquisa: Estudos

Ambientais e Trabalho e Movimentos Sociais. A duração do curso é de no mínimo 18 meses e no máximo de 24 meses. Para receber o título de Mestre em Geografia o aluno deve obter 50% ou mais do total das notas de cada disciplina, caso contrário será desligado automaticamente do programa.

Este ano, a seleção foi feita em fevereiro. Segundo o coordenador do mestrado, professor Marcelo Rodrigues Mendonça, dos 32 projetos que participaram do processo seletivo, grande parte foi de candidatos de outros estados, como Minas Gerais, Bahia e São Paulo. Para o coordenador, isso demonstra a abrangência do interesse despertado para a pesquisa na região, possibilitando que o programa se consolide.

UFG amplia o quadro de servidores efetivos

Contratação de servidores docentes e técnico-administrativos supre parte da demanda

Agnes Arato

A Universidade Federal de Goiás (UFG) é uma instituição em franca expansão. Com o aumento do número de alunos de graduação (de 14 mil para 25 mil até 2012), dos cursos oferecidos e da estrutura física dos campi, outro contingente precisa crescer: o dos servidores efetivos, tanto docentes como técnicos-administrativos, que compõem o quadro da universidade. Para suprir essa demanda, a universidade vem realizando, desde 2006, vários concursos para a contratação de novos profissionais para a UFG.

Segundo o pró-reitor Jeblin Antônio Abraão, da Pró-reitoria de Desenvolvimento Institucional e Recursos Humanos (Prodirh), os quatro principais fatores de geração dessas vagas são: a primeira expansão da universidade, ocorrida com a ampliação dos campi de Catalão e Jataí, chamada de Expansão 1; o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni); a conversão das vagas de professores substitutos em efetivos e a reposição do quadro de servidores efetivos da universidade.

Pela Expansão 1, estão sendo contratados, desde 2006, 256 servidores docentes e 110 técnico-administrativos. Pelo Reuni, serão 484 novos docentes efetivos e 300 técnico-administrativos até 2012. “Deste total de vagas disponibilizadas por meio do Reuni, 154 servidores docentes e 56 técnico-administrativos serão nomeados ainda este ano”, afirma o professor Jeblin. Previstas para conclusão em 2009 estão as nomeações de 241 docentes, iniciadas no ano passado, para as vagas oriundas

da conversão da categoria de professor substituto para professor efetivo.

Além das vagas criadas pela expansão da universidade, há ainda o processo natural de vacância de servidores, por exemplo, por aposentadoria. A reposição do quadro vem sendo feita desde 2006 e, até o final deste ano, serão nomeados cerca de 170 docentes. Novos projetos, como o Universidade Aberta do Brasil (UAB), que apoia cursos a distância nas instituições de ensino superior, também são fonte de vagas. O projeto disponibilizou para a UFG 14 vagas para servidores docentes e seis para técnico-administrativos, que serão preenchidas ainda em 2009.

Dificuldades – Bons salários, estabilidade no emprego, benefícios. Pode haver dificuldades para o preenchimento de vagas da universidade, setores em que falem servidores, mesmo com a alta procura por empregos públicos? Segundo o pró-reitor Jeblin, sim. “A universidade teve uma evasão natural, com aposentadorias, por exemplo, e quando o processo começou, o mecanismo de reposição tinha sido interrompido. Além disso, o pessoal que passa na nossa seleção continua prestando outros concursos, já que há locais que oferecem carreiras mais atrativas que a universidade. Embora a UFG seja um local ótimo para trabalhar, o salário deixa a desejar quando comparado a outros órgãos”, diz ele.

Porém, o professor afirma que a principal dificuldade é a legislação que rege a contratação de servidores técnico-administrativos. “No caso dos professores, nós temos um mecanismo que nos dá uma certa tranquilidade, que é o banco de professor equivalente. Esse mecanismo permite que, no momento em que ocorre a evasão do professor, nós possamos fazer a reposição de sua vaga, automaticamente, qualquer que seja o motivo da vacância. No caso dos técnicos,

Fotos: Carlos Siqueira



Reitor Edward Brasil dá as boas-vindas aos novos membros do quadro permanente da universidade

esse mecanismo ainda não existe”, explica o professor.

Mesmo com todas as dificuldades, a universidade conseguiu repor, no ano passado, cerca de 100 servidores técnico-administrativos de nível médio e superior. E há prazo definido para a resolução do problema. Segundo o pró-reitor, até julho de 2009, esse mecanismo deve ser implantado. “Com o banco de servidor equivalente, nós poderemos repor os servidores com mais rapidez, sem a necessidade de autorização do Ministério do Planejamento, como ocorre hoje”, afirma. Assim, a universidade ganhará a agilidade que precisa para continuar crescendo.

Posse coletiva – No dia 28 de janeiro deste ano, em cerimônia coletiva realizada no auditório da Faculdade de Medicina (FM), a UFG empossou 141 novos servidores docentes e técnico-administrativos, que passaram a integrar seu quadro efetivo. Assinaram o termo de posse 104 docentes e 31 técnico-administrativos, que já estão trabalhando nas diversas unidades da UFG, nos campi universitários de Goiânia, Catalão e Jataí. Os novos servidores são oriundos de vários concursos públicos realizados pela instituição em 2008.

Durante a cerimônia, o reitor Edward Madureira Brasil enfatizou que a universidade está consolidando a sua expansão, o que aumenta a demanda por servidores efetivos, tanto do quadro docente quanto de técnico-administrativos. Afirmou ainda que hoje a UFG é referência em pesquisa e pós-graduação em várias áreas, e que os novos servidores têm a responsabilidade de manter essa excelência. O reitor finalizou dando as boas-vindas aos novos docentes e técnico-administrativos, desejando-lhes “tempos produtivos e de muita satisfação profissional”.



Servidora assina o termo de posse

Nova comissão de carreira

Em eleição realizada no dia 18 de dezembro de 2008, os servidores técnico-administrativos da Universidade Federal de Goiás (UFG) escolheram os integrantes da nova gestão da Comissão Interna de Supervisão do Plano de Carreira, a CIS. Foram eleitos 12 servidores que, nos próximos três anos, terão a missão de fazer propostas que sintonizem seu plano de carreira com as mudanças na legislação e nas relações de trabalho. São eles Fátima dos Reis (Procom/SintUFG), Maria Lucimar dos Santos (DP), Priscila Silva (Hospital das Clínicas - HC), Cleomar da Silva (HC), Wender Siqueira (Campus Catalão), Magno Cirqueira (HC), Maria Nazaré (HC), Kharen Stecca Fleury (Campus Jataí), Jorge Roberto de Brito (Cegef), Fernando César da Mota (Cercomp), Sandro Nogueira (Instituto de Química), Wagner Lemes (Cegef).

Criada em 2005 para ser o braço local da Comissão Nacional de Supervisão da Carreira, a CIS tinha como atribuição principal acompanhar os trabalhos de implantação do novo plano de carreira proposto pelo governo federal. Apesar de já haver passado a fase de implantação e enquadramento, a CIS continua sendo um mecanismo importante para a evolução da carreira. Segundo Fátima dos Reis, recém-eleita integrante da CIS, a comissão tem legitimidade para propor as mudanças necessárias. “A CIS tem o papel de verificar a aplicação do plano dentro da instituição e propor mudanças que são encaminhadas à Comissão Nacional e, daí, ao governo”.

Com previsão de assumir em breve suas funções na comissão, Fátima arrisca-se a dizer qual o grande desafio dessa gestão. “Nós temos de discutir a estrutura da tabela. Como o quadro da universidade é composto, em sua maioria, por servidores que ingressaram antes de 2004 – portanto, antes da mudança do plano –, o pessoal mais antigo já está do meio para o final da tabela. E ela foi pensada para que se atingisse o topo da carreira com 30 anos de serviço”, explicou.

A estrutura de progressão estaria funcionando se não fosse a mudança da Constituição, conforme a explicação de Fátima dos Reis. A Emenda Constitucional nº 41 alterou o tempo de aposentadoria. Mulheres precisam ter a idade mínima de 55 anos para aposentar-se. Os homens, 60 anos. Além disso, o servidor, para ter direito à aposentadoria integral, precisa completar dez anos na carreira e cinco anos de efetivo exercício do cargo em que pretende aposentar-se. “Com isso, há um grande número de servidores já no fim da tabela, mas que ainda tem cinco, dez anos de trabalho. A tabela tem de ser repensada”, concluiu Fátima dos Reis.



Parte do público presente à posse dos servidores concursados



JUAN BERNARDINO*

O Planetário da UFG comemora o Ano Internacional da Astronomia

No dia 27 de outubro de 2006, a União Astronômica Internacional (IAU) anunciou o ano de 2009 como o Ano Internacional da Astronomia – IYA2009. O ato foi ratificado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em dezembro de 2007, por meio de uma resolução que transferiu à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e à própria IAU a organização do ano comemorativo. Desde que Galileu Galilei utilizou pela primeira vez o telescópio para observar o céu, em 1609, até hoje, passaram-se 400 anos de descobertas que persistem.

A Astronomia é uma das ciências mais antigas e deu origem a campos inteiros da Física e da Matemática. Teve papel fundamental na organização do tempo e do espaço explorados pela humanidade. Forneceu as ferramentas conceituais para a astronáutica, para a análise espectral da luz, para a fusão nuclear, para a descoberta de partículas elementares. Os observatórios astronômicos sempre estiveram na fronteira da óptica, da mecânica de precisão, da automação, da detecção e processamento de sinais. Hoje telescópios no solo e no espaço captam informações em todas as faixas do espectro eletromagnético.

O conhecimento astronômico teve e tem profundo impacto na ciência, sendo uma das mais refinadas expressões do intelecto humano.

O Ano Internacional da Astronomia pretende alcançar todos os cidadãos do planeta Terra, transmitindo o entusiasmo pela descoberta pessoal, o prazer de compartilhar o conhecimento sobre o universo e o lugar do homem nele e mostrar a importância da cultura científica. Mais do que um evento pontual, o IYA 2009 representa uma celebração global da Astronomia e de sua contribuição à sociedade, à cultura e ao desenvolvimento da humanidade. As atividades desenvolvidas em todos os países visam estimular o interesse pela Astronomia e pela ciência em geral, desde sua influência no cotidiano até a forma como o conhecimento científico pode contribuir para um mundo mais livre e igual.

Cada um dos 140 países participantes conta com um “nó” nacional. A estrutura em rede, com “nós” locais, nacionais e globais permitirá compartilhar recursos e trocar experiências. Esses



“nós” são portais em que o público, educadores e pesquisadores terão pleno acesso aos recursos de Astronomia. A definição de metas e objetivos, bem como a avaliação dos resultados do Ano da Astronomia contribuirão para a criação de métodos eficientes de divulgação científica. No “nó” nacional <http://www.astronomia2009.org.br/>, pode-se obter informação de todos os eventos locais e regionais e as atividades programadas no Brasil para este ano. Pode-se também fazer sugestões, propor ideias, manter contato com os organizadores e consultar as atividades de outros “nós” internacionais.

O Ano da Astronomia tem o propósito de satisfazer a demanda do público por informação, não só ao longo do ano de 2009. O que se pretende é que essa celebração deixe uma herança, criando canais de comunicação, programas educacionais a longo prazo e engajando jovens na carreira científica.

*O professor Juan Bernardino é diretor do Planetário da UFG

Serviço Planetário

O Planetário da UFG, com o apoio de estudantes, realizará, periodicamente, a divulgação do Ano Internacional de Astronomia, promovendo sessões especiais na cúpula do Planetário, com a apresentação e a descrição do céu. No auditório/sala de aula serão proferidas palestras sobre diversos temas, alternados mensalmente, bem como projeções de filmes. Na parte externa do Planetário, telescópios ficarão disponíveis para a observação do céu. Nessas ocasiões, o público poderá observar a Lua em fase crescente, planetas, nebulosas e aglomerados de estrelas. Para a realização dessa atividade, o céu não pode estar nublado, nem estar chovendo.

Mais informações no site www.planetario.ufg.br ou no local, Av. Contorno s/nº St. Central.



Os eventos mensais estão marcados para as seguintes datas:

- 3 de abril, às 19h;
- 29 de maio, às 19h;
- 26 de junho, às 19h;
- 31 de julho, às 19h;
- 28 de agosto, às 19h;
- 25 de setembro, às 19h;
- 23 de outubro, às 20h;
- 27 de novembro, às 20h



CURIOSIDADE

Calculadora de bolso?!

Admita, a última coisa que você pensaria ao ver a foto deste objeto é que ele fosse uma calculadora, não é mesmo? Também, não é para menos. A primeira calculadora de bolso não lembra em nada os aparelhos utilizados hoje em dia. O equipamento foi construído por

Curt Herzstark durante o domínio nazista na Áustria. Prisioneiro do exército alemão nazista, Curt foi mandado para um campo de concentração e mantido vivo para que trabalhasse no desenvolvimento do aparelho.

Em abril de 1945, os desenhos e cálculos do austriaco estavam praticamente prontos, quando ele recebeu a notícia do fim da guerra e teve de volta sua liberdade. Três anos depois, Curt Herzstark batizou a invenção de Curta e conseguiu colocar o objeto no mercado. A Curta

provocou uma revolução entre as máquinas de calcular. Com apenas 10 cm de altura e 5 cm de diâmetro, pesava 230g, bem diferente dos aparelhos lançados anteriormente, que pesavam cerca de 27 quilos! No início da década de 1970, as calculadoras eletrônicas substituíram o invento de Curt. Os sites www.curta.org e www.vcalc.net/cu.htm disponibilizam imagens e fatos que marcaram a invenção da Curta, além do perfil de seu criador e um simulador do funcionamento da maquininha.

Linguagens de inclusão

A ideia de criar uma linguagem que pudesse ser decifrada pelo tato foi do oficial Charles Barbier de la Serre, capitão de artilharia do exército francês. No início do século XIX, Charles desenvolveu um código baseado no tato que repassava ordens aos soldados durante a noite. Ler no período noturno oferecia riscos, já que a luz poderia identificar a posição do inimigo. Pouco tempo depois, em 1829, o código chegou a uma escola de cegos em Paris, e Louis Braille, um aluno de 15 anos, aperfeiçoou a linguagem, utilizando seis pontos em relevo que resultam em 63 combinações. A criação de Louis ficou conhecida como sistema braile, e é muito utilizada por pessoas com deficiência visual.

Já a língua brasileira de sinais (libras) é utilizada por pessoas com deficiência auditiva para facilitar a comunicação. A primeira escola para surdos no Brasil surgiu em 1857. O Instituto dos Surdos-Mudos, atualmente Instituto Nacional da Educação de Surdos (INES), desenvolveu uma mistura da língua de sinais francesa com uma antiga língua de sinais brasileira usada por pessoas de várias regiões do país. Da combinação, surgiu a libras. A legislação brasileira determina que a libras seja disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, e nos cursos de Fonoaudiologia de instituições públicas e privadas. Em 2009, a UFG recebe a primeira turma de Licenciatura em Letras – Libras. A Faculdade de Letras também oferece Libras como disciplina de núcleo livre.



Pela janela do carro

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA NA MARGINAL BOTAFOGO
TRANSFORMA PAISAGEM URBANA EM ARTE

Carlos Siqueira

Túlio Moreira

A correria insana do cotidiano das grandes metrópoles quase sempre impede a apreciação das paisagens urbanas. Com pressa, as pessoas não observam os cenários e imagens que compõem a cidade. A ideia de chamar a atenção do público para o concreto e o asfalto motivou a professora Ana Rita Vidica, da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da UFG, a organizar a exposição fotográfica *Obra Marginal*. Composta de *outdoors* e painéis fotográficos espalhados ao longo da Avenida Marginal Botafogo, a exposição tem o objetivo de despertar o olhar de motoristas e pedestres que transitam pelo local.

Ao longo dos 14 quilômetros da via expressa, Ana Rita espalhou sete *outdoors* e 18 painéis que retratam a avenida em fotografias e em imagens alteradas artisticamente. Os painéis foram fixados nos muros de pedra e os *outdoors* instalados em locais em que já havia su-

porte para propaganda. As obras estão distribuídas em diferentes pontos da Marginal, nas duas direções. As imagens exploram fragmentos da mata ciliar do Córrego Botafogo, das laterais da avenida e do concreto.

O conceito da exposição surgiu em 2005, quando Ana Rita precisou elaborar uma proposta dentro do mestrado em Cultura Visual, que cursou na Faculdade de Artes Visuais (FAV) da UFG. Este ano, a execução do projeto tornou-se possível graças a um edital da Fundação Nacional de Artes (Funarte). O trabalho recebeu R\$ 30 mil. A artista elogia a iniciativa do órgão, que contemplou diferentes propostas em todo o Brasil. Para ela, é preciso transpor o eixo Rio-São Paulo e descobrir um panorama da arte em vários pontos do país.

Segundo Ana Rita, o mestrado da FAV está em consonância com o movimento da arte contemporânea, que demonstra interesse na relação entre o público e as obras de arte.

“O retorno das pessoas é muito importante para mim. O público pode até mesmo modificar a ideia original da obra”, afirma. A professora destaca que, no site da exposição (www.obramarginal.com.br) as pessoas poderão fazer comentários sobre as sensações e percepções provocadas pela obra.

Outra característica contundente da exposição é a transformação da Marginal em uma grande galeria a céu aberto. Ana Rita inspirou-se no projeto Galeria Aberta, iniciativa da Secretaria Estadual de Cultura que no final dos anos 80, reproduziu em diversos pontos da cidade obras de artistas, como Cleber Gouvêa e Iza Costa. A professora explica que expor obras de arte em locais abertos representa uma oportunidade de aproximação do público que não está acostumado com as exposições em locais fechados.

“Geralmente, as exposições fotográficas são realizadas em galerias ou museus. Os ambientes fechados

podem criar barreiras para o público que não tem o costume de frequentar esses locais”, reflete. Outra diferença da exposição é o modo como o público contempla as obras de arte. A professora explica que, nas mostras convencionais, as pessoas param diante de uma obra para observá-la. No caso da *Obra Marginal*, elas terão o tempo ditado pelo fluxo do trânsito. Se houver congestionamento, os motoristas terão mais tempo para observar as fotos. Se o tráfego fluir bem, eles terão uma sensação diferente das imagens, vistas rapidamente pela janela do carro.

Além disso, a exposição representa uma oportunidade de voltar o olhar para a cidade, muitas vezes esquecida no corre-corre diário. “A Marginal é uma via rápida. As pessoas passam por lá o tempo todo e provavelmente não percebem o próprio espaço”, acredita. Ana Rita trabalhou com a ideia de contrastes. Fotografou diferentes pontos da avenida e colocou as fotos ao lado de

imagens alteradas no computador, acrescidas de um colorido artificial. De acordo com ela, será um contraponto entre a predominância do cinza nas fotos originais e a abundância de cores nos painéis artísticos.

Com essa dicotomia, a artista espera provocar no público uma reflexão acerca da transformação do espaço urbano. A própria história da Marginal Botafogo, que começou a ser construída no início da década de 1990, é marcada pela discussão em torno da modificação do ambiente natural. A obra foi construída sob protestos de ambientalistas, que afirmavam tratar-se de um crime contra a natureza. Ana Rita diz que a construção destruiu grande parte da mata ciliar do Córrego Botafogo. Mas a exposição não quer tomar partido. “A Marginal está aí. Agora, o que pode haver é uma discussão sobre a ação humana em cima da natureza. A *Obra Marginal* pode suscitar esse debate”, acredita a professora.

Painel colorido afixado em um dos muros de arrimo da avenida Marginal Botafogo

Divulgação